proposição que afirma uma coisa nega outra por implicação lógica. Afirmações como: "Deus é tudo" são opostas a afirmações como: "Deus não é tudo". Não podem ser ambas verdadeiras. Todas as reivindicações da verdade excluem seu contrário. Na verdade, todas as religiões afirmam ter *a verdade* — mesmo que essa verdade é que eles acreditam que outros sistemas religiosos não-contraditórios também são verdadeiros. Mas, se duas ou mais religiões aceitam as mesmas verdades, são de fato uma única religião. E esse único sistema religioso básico afirma ser a religião verdadeira excluindo todos os outros sistemas religiosos opostos. Assim, a reivindicação do cristianismo de ser a religião verdadeira não é mais intolerante que a reivindicação de qualquer outra religião (v. PLURALISMO RELIGIOSO).

Fontes

N. ANDERSON, *Christianity and world religions.*
E. C. BEISNER, *God in three persons.*
F. F. BRUCE, *Paul and Jesus.*
Y. S. CHISHTI, *What is christianity?*
W. CORDUAN, *Neighboring faiths.*
G. HABERMAS, *The verdict of history.*
J. N. D. KELLY, *Doutrinas centrais da fé cristã.*
J. G. MACHEN, *The origin of Paul's religion.*
R. NASH, *Christianity and the hellenistic world.*
R. OTTO, *India's religion of grace and christianity compared and contrasted.*
PLATÃO, *A república.*
PLOTINO, *Enéas*
G. L. PRESTIGE, *God in patristic thought.*
H. RIDDERBOS, *Paul and Jesus.*
H. SMITH, *The religions of man.*

religiosa, experiência. V. APOLOGÉTICA EXPERIENCIAL; DEUS, EVIDÊNCIAS DE; TRUEBLOOD, ELTON.

religiosa, linguagem. V. ANALOGIA, PRINCÍPIO DA.

religioso de Deus, argumento. V. APOLOGÉTICA EXPERIENCIAL; DEUS, EVIDÊNCIAS DE; TRUEBLOOD, ELTON.

relógio de sol de Acaz. V. CIÊNCIA E A BÍBLIA.

ressurreição, apologética da. V. APOLOGÉTICA, TIPOS DE; APOLOGÉTICA HISTÓRICA; RESSURREIÇÃO, EVIDÊNCIAS DA.

ressurreição, evidências da. A ressurreição corporal de Cristo é a prova principal de que Jesus era quem afirmava ser, Deus em carne humana (v. CRISTO, DIVINDADE DE). Na realidade, a ressurreição de Cristo em um corpo carnal é de tamanha importância para a fé cristã que o NT insiste em que ninguém pode ser salvo sem ela (Rm 10.9; 1Co 15.1-7).

Evidência direta. Alguns optaram por um corpo ressurreto espiritual ou imaterial (v. RESSURREIÇÃO, NATUREZA FÍSICA DA), mas o NT é enfático ao declarar que Jesus ressuscitou com o mesmo corpo físico de carne e ossos que morreu. A evidência para isso consiste no testemunho neotestamentário de várias aparições de Cristo aos seus discípulos durante o período de quarenta dias, no mesmo corpo físico marcado pelos pregos no qual morreu, mas agora imortal.

É claro que a evidência da ressurreição de Cristo depende de sua morte. Em relação ao argumento de que Jesus realmente morreu fisicamente na cruz, v. o artigo CRISTO, MORTE DE; DESMAIO, TEORIA DO. Aqui resta apenas demonstrar que o mesmo corpo que deixou o túmulo foi visto diversas vezes vivo depois disso. A evidência desse fato é encontrada nas doze aparições, das quais as onze primeiras envolvem os quarenta dias após sua crucificação (v. RESSURREIÇÃO, EVIDÊNCIAS DA).

Aparições. A Maria Madalena (João 20.10-18). É o sinal inquestionável da autenticidade do registro que, numa cultura dominada pelos homens, Jesus aparecesse primeiro a uma mulher.

Na cultura judaica do século I, um autor que inventasse um relato da ressurreição jamais teria feito essa abordagem. O testemunho de uma mulher não era sequer aceito no tribunal. Quem inventasse um relato diria que Jesus apareceu primeiro para um ou mais dos doze discípulos, provavelmente a um discípulo proeminente como Pedro. Em vez disso, a primeira aparição pós-ressurreição de Jesus foi para Maria Madalena. Durante essa aparição houve provas inquestionáveis da visibilidade, materialidade e identidade do corpo ressurreto.

Ela *viu* Cristo com seus olhos naturais. O texto diz: "Ela se voltou e viu Jesus ali, em pé" (v. 14). A palavra "viu" (*theoreo*) é uma palavra normal para ver a olho nu. É usada em outra passagem no NT no sentido de ver seres humanos nos seus corpos físicos (Mc 3.11; 5.15; At 3.16) e até para ver o corpo de Jesus antes de ser ressuscitado (Mt 27.55; Jo 6.19).

Maria *ouviu* Jesus: "Mulher, por que está chorando? Quem você está procurando?" (v. 15). Então, mais uma vez, ela ouviu Jesus dizer "Maria" e reconheceu sua voz (v. 16). É claro que ouvir apenas não é evidência suficiente de materialidade. Deus é imaterial, mas sua voz foi ouvida em João 12.28. No entanto, audição física ligada a visão física *é* evidência significativa da natureza material do que foi visto e

ouvido. A familiaridade de Maria com a voz de Jesus é evidência da identidade do Cristo ressurreto.

Maria *tocou* o corpo ressurreto de Cristo. Jesus respondeu: "Não me segure, pois ainda não voltei para o Pai" (v. 17). A palavra "segurar" (*aptomai*) é uma palavra normal para toque físico de um corpo material. Também é usada com relação a toque físico de outros corpos humanos (Mt 8.3; 9.29) e do corpo anterior à ressusreição de Cristo (Mc 6.56; Lc 6.19). O contexto indica que Maria se agarrou a ele para não perdê-lo novamente. Numa experiência paralela, as mulheres "abraçaram-lhe os pés" (Mt 28.9).

Maria "bem cedo, estando ainda escuro... chegou ao sepulcro e viu que a pedra da entrada tinha sido removida". Então ela correu até onde Pedro estava e anunciou que o corpo desaparecera (Jo 20.2).

O relato paralelo em Mateus nos informa que os anjos disseram a ela: "Venham ver o lugar onde ele jazia" (Mt 28.6). Ambos os textos implicam que ela viu que o túmulo estava vazio. Mais tarde, Pedro e João também foram ao túmulo. João, "Ele se curvou e olhou para dentro, viu as faixas de linho" e Pedro "entrou no sepulcro e viu as faixas de linho, bem como o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus" (Jo 20.5-7). Mas ver o mesmo corpo físico que jazera ali é prova da identidade numérica do corpo antes da ressurreição.

Nesse relato Jesus foi visto, ouvido e tocado. Além disso, Maria testemunhou o túmulo vazio e os lençóis de Jesus. Todas as evidências da identificação inquestionável do mesmo corpo visível e físico que ressuscitou imortal estão presentes nessa primeira aparição.

Às mulheres (Mt 28.1-10). Jesus não só apareceu para Maria Madalena mas também para outras mulheres com ela (Mt 28.1-10), incluindo Maria, mãe de Tiago e Salomé (Mc 16.1). Durante essa aparição houve quatro evidências de que Jesus ressuscitou no mesmo corpo físico e tangível no qual fora crucificado.

Primeiro, as mulheres *viram* Jesus. Um anjo lhes disse: "Ele ressuscitou dentre os mortos e está indo adiante de vocês para a Galiléia. Lá vocês o verão"(Mt 28.7). E enquanto elas corriam do túmulo, "de repente, Jesus as encontrou e disse: 'Salve!'" (v. 9). Assim, receberam confirmação visual da sua ressurreição física.

Segundo, as mulheres *abraçaram-lhe os pés* e o adoraram. Isto é, não só viram seu corpo físico, mas o sentiram também. Como entidades espirituais não podem ser percebidas com nenhum dos sentidos, o fato de que as mulheres realmente tocaram o corpo físico de Jesus é prova convincente da natureza física e tangível do corpo ressurreto.

Terceiro, as mulheres *ouviram* Jesus falar. Depois de saudá-las (v. 9), Jesus lhes disse: "Não tenham medo. Vão dizer a meus irmãos que se dirijam para a Galiléia; lá eles me verão" (v. 10). Portanto, as mulheres viram, tocaram e ouviram Jesus com seus sentidos físicos, uma confirmação tripla da natureza física do seu corpo.

Quarto, as mulheres *viram o túmulo vazio* onde o corpo permanecera. O anjo disse a elas no túmulo: "Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Venham ver o lugar onde ele jazia" (v. 6). O "ele" que jazia agora está vivo, o que foi demonstrado pelo fato de que o mesmo corpo que jazia ali está vivo agora para sempre. Assim, tanto no caso de Maria Madalena quanto no das outras mulheres, todas as quatro evidências da ressurreição física e visível do corpo numericamente idêntico estavam presentes. Elas viram o túmulo vazio onde seu corpo físico jazia e viram, ouviram e tocaram o mesmo corpo depois que saiu do túmulo.

A Pedro (1Co 15.5; cf. Jo 20.3-9). 1Coríntios 15.5 declara que Jesus "apareceu a Pedro (Cefas)". Não há narração desse evento, mas o texto diz que ele *apareceu* (gr. *ophthē*) e subentende que também foi *ouvido*. Certamente Pedro não ficou mudo. Jesus obviamente falou com Pedro numa aparição posterior, quando pediu para Pedro cuidar de suas ovelhas (Jo 21.15-17). Marcos confirma que Pedro e os demais discípulos o veriam como ele dissera. Pedro, é claro, viu o *túmulo vazio* e os *lençóis* logo antes dessa aparição (Jo 20.6,7). Portanto Pedro teve pelo menos três evidências da ressurreição física: ele viu e ouviu Jesus, e observou o túmulo vazio e os lençóis. Essas são evidências definitivas de que o corpo que ressuscitou era o mesmo corpo material, visível e tangível que Jesus tinha antes da ressurreição.

No caminho de Emaús (Mc 16.12; Lc 24.13-35). Durante essa aparição três evidências da ressurreição física foram apresentadas. Dois discípulos não só viram e ouviram Jesus, mas também comeram com ele. Combinadas, elas provam claramente da natureza física, tangível, do corpo ressurreto.

Dos dois discípulos, um se chamava Cleopas (Lc 24.18). Enquanto andavam em direção a Emaús, "o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles" (v. 15). A princípio, não reconheceram quem ele era; no entanto, eles o *viram* claramente. Quando finalmente perceberam quem era, o texto diz que "ele desapareceu da *vista* deles" (v. 31). O corpo ressurreto de Jesus era visível como qualquer outro objeto.

Eles *ouviram* Jesus com seus ouvidos físicos (v. 17,19,25,26). Na verdade, Jesus conversou por um bom tempo com eles. Pois, "E começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a

respeito dele em todas as Escrituras" (v. 27). É claro que eles não foram os únicos a quem Jesus ensinou depois da ressurreição. Lucas nos informa em outra passagem que Jesus "apresentou-se a eles [...] vivo. Apareceu-lhes por um período de quarenta dias falando-lhes acerca do Reino de Deus" (At 1.3). Durante esse período, demonstrou que estava vivo com "muitas provas indiscutíveis" (ibid).

Eles *comeram* com Ele. Lucas diz: "Quando estava à mesa com eles, tomou o pão, deu graças, partiu-o e o deu a eles (v. 30).

Embora o texto não diga especificamente que Jesus também comeu, isso é sugerido por estar "à mesa" com eles. E mais tarde no capítulo é afirmado explicitamente que ele comeu com os dez apóstolos (v. 43). Em duas outras passagens Lucas afirma que Jesus comeu com os discípulos (At 1.4; 10.41). Assim, nessa aparição de Cristo as testemunhas oculares o viram, o ouviram e comeram com ele durante um período considerável de tempo numa noite. É difícil imaginar como Jesus poderia ter feito algo mais para demonstrar a natureza física de seu corpo ressurreto.

Aos dez (Lc 24.36-49; Jo 20.19-23). Quando Jesus apareceu para os dez discípulos, Tomé estava ausente; Jesus foi visto, ouvido, tocado, e viram-no comer peixe. Logo, quatro evidências importantes da natureza física e visível do corpo ressurreto estiveram presentes nessa ocasião.

"Enquanto falavam sobre isso, o próprio Jesus apresentou-se entre eles e lhes disse: 'Paz seja com vocês'" (v. 36). Na verdade, Jesus também conversou com eles sobre "tudo o que a meu respeito está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos" (v. 44). Então Jesus foi obviamente *ouvido* pelos discípulos.

Os discípulos também *viram* Jesus nessa ocasião. Na verdade, pensaram a princípio que ele era um "espírito" (v. 37). Mas Jesus "mostrou-lhes as mãos e os pés" (v. 40). Então eles o viram claramente e o ouviram. No relato paralelo, João registra: "Os discípulos alegraram-se quando viram o Senhor" (Jo 20.20; cf. v. 25).

É possível concluir, com base no fato de que a princípio eles não estavam convencidos de sua materialidade tangível, quando Jesus lhes apresentou suas feridas, que eles o *tocaram* também. Na verdade, Jesus lhes disse claramente: "Toquem-me e vejam; um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho" (Lc 24.39). O uso que Jesus fez dos pronomes "eu" e "me" em conexão com seu corpo ressurreto físico expressa sua reivindicação de que ele é numericamente idêntico ao corpo anterior a ressusreição. Jesus também "*mostrou-lhes as mãos e os pés*" (v. 40), confirmando aos discípulos que seu corpo ressurreto era o mesmo corpo de carne e osso, ferido por pregos, que foi crucificado.

Nessa ocasião Jesus *comeu* comida física para convencer os discípulos de que ressuscitara num corpo físico e literal. "Deram-lhe um pedaço de peixe assado [e um favo de mel], e ele comeu na presença deles" (v. 42,43). O que torna essa passagem uma prova tão poderosa é que Jesus ofereceu sua capacidade de ingerir comida física como prova da natureza material de seu corpo de carne e osso. Jesus literalmente exauriu as maneiras em que poderia provar a natureza corpórea e material do seu corpo ressurreto. Logo, se o corpo ressurreto de Jesus não era o mesmo corpo material de carne e osso em que morreu, ele estaria enganando a todos.

Aos onze (João 20.24-31). Tomé não estava presente quando Jesus apareceu aos seus discípulos (Jo 20.24). Depois de seus colegas relatarem quem haviam visto, Jesus, Tomé recusou-se a acreditar sem que ele mesmo visse a Cristo e tocasse nele. Uma semana depois, seu pedido foi atendido: "Uma semana mais tarde, os seus descípulos estavam outra vez ali, e Tomé com eles. Apesar de estarem trancadas as portas, Jesus entrou, pôs-se no meio e disse: "Paz seja com vocês (Jo 20.26). Quando Jesus apareceu, Tomé viu, ouviu e tocou o Senhor ressurreto.

Tomé *viu* o Senhor. Jesus era claramente visível para Tomé, por isso, mais tarde, lhe disse: "me *viu*" (v. 29).

Tomé também *ouviu* o Senhor dizer: "Coloque o seu dedo aqui; veja as minhas mãos e coloque-a no meu lado: Pare de duvidar e creia" (v. 27). A essa demonstração indubitavelmente convincente de evidência física, Tomé respondeu: "Senhor meu e Deus meu"! (v. 28).

Pode-se concluir que Tomé também *tocou* o Senhor. Certamente foi isso que Tomé disse que queria fazer (v. 25). E Jesus pediu que o fizesse (v. 27). Apesar de o texto dizer apenas que Tomé viu e creu (v. 29), é natural deduzir que ele também tocou Jesus. Jesus foi tocado em pelo menos duas ocasiões (Jo 20.9,17). Então é bem provável que Tomé também o tenha tocado nessa ocasião. De qualquer forma, Tomé certamente entrou em contato com o corpo ressurreto físico e visível por intermédio de seus sentidos naturais. Se Tomé tocou em Cristo, certamente *viu suas feridas da crucificação* (Jo 20.27-29). O fato de Jesus ainda ter essas marcas físicas da sua crucificação é a prova inquestionável de que ele ressuscitou com o corpo material que foi crucificado. Essa era a segunda vez que Jesus exibia suas feridas. É difícil imaginar que ele

pudesse ter dado prova maior de que o corpo ressurreto era o mesmo corpo de carne que fora crucificado e agora era glorificado.

Aos sete discípulos (Jo 21). João registra a aparição de Jesus aos sete discípulos que foram pescar na Galiléia. Durante essa aparição os discípulos viram Jesus, ouviram suas palavras e comeram com ele.

A Bíblia diz que "Jesus apareceu novamente aos seus discípulos, à margem do mar Tiberíades" (Jo 21.1). Cedo de manhã eles o viram na praia (v. 4). Depois de Jesus conversar e comer com eles, o texto diz: "Esta foi a terceira vez que apareceu aos seus discípulos, depois que ressuscitou dos mortos" (v. 14).

Os discípulos também *ouviram* Jesus falar (v. 5,6,10,12). Jesus teve uma longa conversa com Pedro na qual perguntou três vezes se Pedro o amava (v. 15,16,17). Como Pedro negou Jesus três vezes, não apenas ele ouviu Jesus falar como também essas palavras sem dúvida penetraram nos seus ouvidos. Jesus também disse a Pedro como ele morreria (v. 18,19).

Ao que parece Jesus também *comeu* com os discípulos durante essa aparição. Ele perguntou: "Filhos, vocês têm algo para comer?" (v. 5). Depois de dizer onde lançar a rede (v. 6), Jesus disse: "Venha comer". (v. 12). Enquanto faziam isso, "Jesus aproximou-se, Tomou o pão e o deu a eles, lançando o mesmo com o peixe (v. 13)". Embora o texto não afirme explicitamente que Jesus comeu, como anfitrião da refeição não seria educado deixar de comer. Pode-se concluir que, além de ver e ouvir Jesus, os discípulos compartilharam uma refeição física com ele.

Aos apóstolos na Grande Comissão (Mt 28.16-20; Mc 16.14-18). A próxima aparição de Cristo foi na Grande Comissão (Mt 28.16-20). Enquanto Jesus os comissionava a discipular todas as nações, foi visto e claramente ouvido por todos os apóstolos.

O texto diz que os discípulos foram à Galiléia, aonde Jesus ordenara que fossem (v. 16). E "quando o *viram*, o adoraram" (v. 17). Marcos acrescenta que estavam comendo (Mc 16.14), embora essa versão esteja na passagem final de Marcos, de autenticidade questionável. No entanto, não foi simplesmente o que viram, mas o que ouviram que os impressionou indelevelmente.

Jesus disse: "Foi-me dada toda autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai em nome do filho e do Espírito Santo" (Mt 28.18,19). O fato desse pequeno bando logo tornar-se a maior sociedade missionária do mundo é testemunho suficiente de quão poderosamente aquilo que os apóstolos *ouviram* Jesus falar os impressionou.

Aos quinhentos (1Co 15.6). Não há um relato dessa aparição. Ela só é mencionada por Paulo em 1Coríntios 15.6, onde ele diz: "Depois disso apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, a maioria das quais ainda vive".

Como Jesus foi *visto* nessa ocasião e como os impressionou tanto, pode-se concluir que o *ouviram* falar. Senão, por que Paulo iria subentender sua prontidão em testemunhar a favor da ressurreição, como se dissesse basicamente: "Se não acreditam em mim, perguntem a eles"?

Apesar de curto, esse único versículo é um testemunho poderoso da ressurreição corporal de Cristo. Ele soa verdadeiro. Paulo está escrevendo em 55 ou 56 d.c., apenas 22 ou 23 anos após a ressurreição (33). A maioria das testemunhas oculares ainda estava viva. E Paulo desafia seu leitor a averiguar o que ele estava dizendo com essa multidão de testemunhas que viram e provavelmente ouviram Cristo após sua ressurreição.

A Tiago (1Co 15.7). Os irmãos de Jesus eram incrédulos antes da ressurreição. O evangelho de João nos informa que "nem os seus irmãos criam nele" (Jo 7.5). Mas, após sua ressurreição, pelo menos Tiago e Judas, meio-irmãos de Jesus, creram (cf. Mc 6.3). No entanto, as Escrituras dizem explicitamente que Jesus "*apareceu a* Tiago" (1Co 15.7). Sem dúvida Jesus também *falou* com Tiago. Pelo menos, como resultado da experiência, Tiago tornou-se um pilar da igreja primitiva e teve um papel importante no primeiro concílio (At 15.13).

Tiago também escreveu um dos livros do NT no qual falou da "coroa da vida" (Tg 1.12) e da "vinda do Senhor" (5.8), que só se tornou possível por meio da ressurreição de Cristo (2Tm 1.10). Portanto, tudo o que Tiago viu e ouviu durante essa aparição de Cristo não só o levou à conversão mas também o tornou uma personagem importante na igreja apostólica.

Na ascensão (At 1.4-8). A última aparição de Jesus antes da sua ascensão foi novamente para todos os apóstolos. Nessa ocasião eles o viram, ouviram e comeram com ele. Essas três linhas de evidência são a confirmação final da natureza material de seu corpo ressurreto.

Jesus foi *visto* pelos apóstolos nessa ocasião. Lucas diz: "Depois do seu sofrimento, Jesus apresentou-se a eles e deu-lhes muitas provas indiscutíveis de que estava vivo". E acrescenta: "Apareceu-lhes por um período de quarenta dias" (At 1.3).

Também *ouviram* Jesus, já que nessa ocasião ele estava "*falando*-lhes acerca do Reino de Deus" (At 1.3). E durante essa aparição específica Jesus

"determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim *ouvistes*" (4, RA). Portanto, essa não era apenas uma voz familiar, mas um ensinamento familiar que confirmava que esse era o Jesus que lhes ensinara antes da crucificação.

Lucas também diz nessa passagem que Jesus *comeu* com os discípulos, como havia feito várias vezes. Pois nessa última aparição antes da ascensão ele estava "comia com eles" (At 1.4). Essa é o quarto relato de Jesus comendo após a ressurreição. Aparentemente era algo que fazia com freqüência, já que mesmo no breve resumo do seu ministério em Atos 10 Pedro declara que "comemos e bebemos com ele depois que ressuscitou dos mortos " (v. 41). Certamente, tanto a comunhão íntima como a capacidade física de comer eram prova mais que suficiente de que Jesus estava aparecendo no mesmo corpo físico e tangível que possuía antes da sua ressurreição.

A Paulo (At 9.1-9; 1Co 15.8). A última aparição de Jesus foi a Paulo (v. 1Co 15.8). É importante observar que essa aparição não foi uma visão que ocorreu apenas na mente de Paulo. Na verdade, foi um evento objetivo, externo, observável a todos que estavam a uma distância visual.

- Paulo denominou "aparição" (gr. *ophthe*), a mesma palavra usada para as aparições literais de Cristo aos outros apóstolos (1Coríntios. 15.5-7). Na realidade, Paulo a denomina "última" aparição de Cristo aos apóstolos.
- Ver o Cristo ressurreto era condição para ser um apóstolo (At 1.22). Mas Paulo afirmou ser um apóstolo, dizendo: "Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor?" (1Co 9.1).
- Visões não são acompanhadas de manifestações físicas, tais como luz e uma voz.

As experiências de ressurreição, incluindo a de Paulo, nunca são chamadas "visões" (*optasia*) em nenhuma passagem nos evangelhos ou epístolas. Durante a aparição a Paulo, Jesus foi visto e ouvido. Os evangelhos falam de uma "visão" de anjos (Lc 24.23) e Atos refere-se à "visão celestial" de Paulo (At 26.19), que pode ser uma referência à(s) visão(ões) que ele e Ananias receberam mais tarde (At 9.11,12; cf. 22.8; 26.19). Quanto à verdadeira aparição a Paulo, Cristo foi visto e ouvido pelos sentidos físicos dos que estavam presentes. Em 1Coríntios 15 Paulo disse que Jesus "aparece" também a mim" (v. 8). No registro detalhado do episódio em Atos 26, Paulo disse: "*vi* uma luz do céu" (v. 13). O fato de Paulo referir-se à uma luz física é óbvio porque ela era tão forte que cegou os olhos físicos (At 22.6, 8). Paulo não só viu a luz, mas também viu Jesus.

Paulo também *ouviu* a voz de Jesus falando distintamente a ele "em aramasco" (At 26.14). A voz física que Paulo ouviu disse: "Saulo, Saulo, por que você me persegue?" (At 9.4). Paulo continuou uma conversa com Jesus (v. 5,6) e foi obediente à ordem de ir à cidade de Damasco (9.6). A conversão miraculosa de Paulo, seus esforços incansáveis por Cristo e sua forte ênfase na ressurreição física de Cristo (Rm 4.25; 10.9; 1Co 15) demonstram que tipo de impressão indelével a ressurreição física deixou nele (v. RESSURREIÇÃO, NATUREZA FÍSICA DA).

	Ver	Ouvir	Tocar	Outras evidências
1. Maria Madalena (Jo 20.10-18)	√	√	√	túmulo vazio
2. Maria outras mulheres (Mt 28.1-10)	√	√	√	túmulo vazio
3. Pedro (1Co 15.5)	√	√	√	túmulo vazio, lençóis
4. Dois discípulos (Lc 24.13-35)	√	√		*comeram com ele
5. Dez discípulos (Lc 24.36-49; Jo 20.19-23)	√	√	√**	
6. Onze discípulos (Jo 20.24-31)	√	√	√**	viram as marcas,
7. Sete discípulos (Jo 21)	√	√		*comeram
8. Todos os discípulos — comissão (Mt 28.16-20; Mc 16.14-18)	√	√		
9. Quinhentos irmãos (1 Co 15.6)	√		√	

10.Tiago (1Co 15.7)	X	X
11. Todos os apóstolos — Ascenção (At 1.4-8)	X	X
12. Paulo (At 9.1-9; 1Co 15.8)	X	X

*Subentendido

**Ofereceu-se para ser tocado

Além de Paulo, os que estavam com ele também viram a luz e ouviram a voz (At 22.8). Isso demonstra que a experiência não foi só de Paulo. Não foi apenas subjetiva, mas teve um referencial objetivo. Isso aconteceu no mundo físico real, não apenas no mundo de sua experiência espiritual pessoal. Qualquer pessoa que estivesse ali também poderia ter visto e ouvido a manifestação física.

Resumo da evidência direta. A evidência testemunhal da ressurreição física de Cristo é enorme. Comparada às evidências de outros eventos do mundo antigo, é surpreendente:

Só durante as 11 primeiras aparições Jesus apareceu para mais de 500 pessoas durante um período de 40 dias (At 1.3). Em todas as 12 ocasiões Jesus foi visto e provavelmente ouvido. Quatro vezes ele se ofereceu para ser tocado. Foi realmente tocado duas vezes. Em quatro testemunhos o túmulo vazio foi visto, e duas vezes os lençóis foram vistos. Em outras quatro ocasiões é quse certo que Jesus se alimentou. A soma total dessas evidências é a confirmação surpreendente de que Jesus ressuscitou e viveu no mesmo corpo físico, tangível e visível de carne e osso que possuía antes da ressurreição.

Evidência indireta. Além de toda evidência direta da ressurreição corporal de Cristo, há linhas de confirmação. Elas incluem a transformação imediata dos homens que se tornaram apóstolos, a reação dos que rejeitaram a Cristo, a existência da igreja primitiva e a difusão incrivelmente rápida do cristianismo.

Os discípulos transformados. Após a morte de Jesus seus discípulos achavam-se amedrontados, espalhados e céticos. Apenas um, João, estivera na crucificação (Jo 19.26,27). O restante fugira (Mt 27.58). Eles também estavam céticos. Maria, a primeira a quem Jesus apareceu, duvidou, pensando que vira um jardineiro (Jo 20.15). Os discípulos duvidaram dos relatórios das mulheres (Lc 24.11). Alguns duvidaram até ver Cristo com os próprios olhos (Jo 20.25). Um só acreditou quando todos os outros apóstolos disseram que Cristo havia aparecido para eles. Dois discípulos no caminho para Emaús até duvidaram enquanto falavam com Jesus, pensando que era um estranho (Lc 24.18).

Algumas semanas depois, esses mesmos homens e mulheres que se esconderam (Jo 20.19), estavam proclamando corajosa e abertamente a ressurreição de Cristo — mesmo perante o Sinédrio que era responsável pela morte de Cristo (At 4, 5). A única coisa que pode explicar essa mudança imediata e milagrosa é que eles estavam absolutamente convencidos de que encontraram o Cristo corporalmente ressurreto.

O tema da pregação apostólica. Apesar de todas as coisas maravilhosas que Jesus ensinou aos discípulos sobre o amor (Mt 22.36,37), a não-retaliação (Mt 5) e o reino de Deus (cf. Mt 13), o tema dominante da pregação apostólica não foi nenhum desses temas. Acima de todos estes, eles proclamaram a ressurreição de Cristo. Esse foi o assunto do primeiro sermão de Pedro em Pentecostes (At 2.22-40) e de seu sermão seguinte no templo (At 3.14,26). Foi esse o conteúdo de sua mensagem perante o Sinédrio (At 4.10). Na verdade, em todo lugar e "com grande poder os apóstolos continuavam a testemunhar da ressurreição do Senhor Jesus" (At 4.33; cf. 4.2). Ser testemunha da ressurreição era o pré-requisito para ser o apóstolo (At 1.22; cf. 1Co 9.1). A melhor explicação para esse tema ser sua preocupação imediata semanas após a morte de Jesus era que eles, como os evangelhos nos dizem, o haviam encontrado vivo várias vezes nos dias após a ressurreição.

A reação dos que rejeitavam a Cristo. A reação das autoridades judaicas também é testemunho do fato da ressurreição de Cristo. Eles não apresentaram o corpo, nem organizaram uma busca. Pelo contrário, subornaram os soldados que guardavam o túmulo para mentir (Mt 28.11-15) e *lutaram* contra os discípulos que testificaram que viram o corpo vivo. O fato de *confrontar*, em vez de *refutar*, as reivindicações dos discípulos comprova a realidade da ressurreição.

A existência da igreja primitiva. Outra prova indireta da ressurreição é a própria existência da igreja primitiva. Há boas razões para que a igreja não tivesse nascido, entre elas as seguintes.

A primeira igreja consistia em grande parte de judeus que acreditavam que havia um só Deus (Dt 6.4), e no entanto eles proclamavam que Jesus era Deus (v. Cristo, divindade de). Eles oravam a Jesus (At 7.59), batizavam em seu nome (2.38), afirmavam que

ele foi exaltado à direita de Deus (2.33; 7.55) e o chamavam de Senhor e Cristo (2.34-36), o mesmo título que provocou a acusação de blasfêmia pelo sumo sacerdote judeu no julgamento de Jesus (Mt 26.63-65).

Os primeiros cristãos não tiveram tempo suficiente para se estabelecer antes de ser perseguidos, espancados, ameaçados de morte e até martirizados (At 7.57-60). Mas não só mantiveram sua fé como se multiplicaram rapidamente. Se o que testificaram não era real, tinham toda razão e oportunidade para abandoná-lo. Mas não fizeram isso. Apenas um encontro real com o Cristo ressurreto pode explicar adequadamente a existência de uma seita judaica que ficou conhecida pelo nome "cristãos" (At 11.26).

O crescimento do cristianismo. Comparado a outras religiões, como o ISLAMISMO, que cresceu lentamente a princípio, o cristianismo teve um crescimento imediato e rápido. Três mil foram salvos no primeiro dia (At 2.41). Muitos outros eram acrescentados ao grupo diariamente (At 2.47). Em questão de dias mais dois mil se converteram (At 4.4). Assim, "crescendo o número de discípulos" tão rapidamente, diáconos tiveram de ser designados para cuidar das viúvas (At 6.1).Certamente nada além da ressurreição corporal de Cristo e o cumprimento de sua promessa de enviar o Espírito Santo (At 1.8) podem explicar esse crescimento imediato e surpreendente.

Resumo das evidências. As evidências da ressurreição de Cristo são convincentes. Há mais documentos, mais testemunhas oculares e mais evidências que confirmam este fato que para qualquer outro evento histórico antigo. A evidência secundária e suplementar é convincente; quando combinada com a evidência direta, representa a defesa sólida da ressurreição física de Cristo. Na terminologia legal, "está acima de qualquer dúvida razoável".

Objeções à ressurreição. Muitas objeções foram feitas contra a ressurreição física de Cristo. Alguns afirmam que isso seria um milagre, e milagres não são aceitáveis (v. MILAGRES, ARGUMENTOS CONTRA). Outros afirmam que os documentos e testemunhas que registram esses eventos não eram confiáveis (v. NOVO TESTAMENTO, CONFIABILIDADE DOS DOCUMENTOS DO; NOVO TESTAMENTO, HISTORICIDADE DO). Ainda outros inventaram teorias alternativas que se opõem à ressurreição (v. CRISTO, LENDAS SUBSTITUTAS DA MORTE DE; RESSURREIÇÃO, TEORIAS ALTERNATIVAS À). Mas os que tentam evitar a ressurreição lutam contra um furacão de evidências. Os fatos são que Jesus de Nazaré realmente morreu (v. CRISTO, MORTE DE) e realmente ressuscitou dos mortos no mesmo corpo físico.

Fontes

W. CRAIG, *Knowing the truth about the resurrection.*
N. L. GEISLER, *The battle for the resurrection.*
G. HABERMAS, *Ancient evidence on the life of Jesus.*
____, *The resurrection of Jesus: an apologetic.*
R. KITTEL, *The theological dictionary of the New Testament.*
T. MIETHE, *Did Jesus rise from the dead? The resurrection debate.*
J. W. MONTGOMERY, *Christianity and history.*
F. MORRISON, *Who moved the stone?*

ressurreição, natureza física da. Até algumas pessoas que reconhecem que o corpo de Jesus desapareceu misteriosamente do túmulo e que apareceu em várias ocasiões depois disso negam a natureza física essencial do corpo ressurreto. Isto é, negam a crença ortodoxa de que Jesus ressuscitou com o mesmo corpo físico — incluindo as marcas da crucificação — que morreu.

A ressurreição de Cristo perde seu valor apologético se não for a ressurreição física do mesmo corpo que morreu. Na verdade, o apóstolo Paulo está disposto a dizer que o cristianismo é falso se Cristo não ressuscitou corporalmente da sepultura. Logo, a defesa da ressurreição como evento físico, envolvendo a revivificação do corpo físico que morreu, é crucial para a apologética cristã. A negação da ressurreição física de Cristo é equivalente à negação da própria ressurreição, já que é apenas o corpo físico, não a alma, que morre. E se esse corpo físico não volta à vida, não há ressurreição *física.*

A importância do corpo. A importância da ressurreição física de Cristo é de grande alcance, e as implicações de sua negação são fundamentais para o cristianismo ortodoxo. Na verdade, tal negação afeta a apologética cristã e a nossa salvação (Rm 10.9; 1Co 15.12ss.).

Considerações apologéticas. Por que é tão importante para a reivindicação de divindade de Cristo que seu corpo ressurreto seja o mesmo corpo físico que foi colocado no túmulo? A resposta é dupla.

Verificação do Deus verdadeiro. Primeiro, essa é única maneira de saber com certeza que a ressurreição ocorreu. O túmulo vazio em si não prova a ressurreição de Cristo, assim como o relato de que um corpo sumiu de um necrotério não significa que ele ressuscitou. O corpo original poderia ter desaparecido e as aparições poderiam ser de outra pessoa ou da mesma pessoa em outro corpo — o que seria reencarnação, não ressurreição. Mas no contexto teísta (v. TEÍSMO), em qual milagres são possíveis, um túmulo vazio mais as aparições do *mesmo corpo físico*, uma vez morto mas agora vivo, são prova da ressurreição miraculosa.

Sem essa identidade física ligando o corpo pré e pós-ressurreição, o valor apologético da ressurreição é destruído. Se Cristo não ressuscitou no mesmo corpo físico que foi colocado no túmulo, a ressurreição não prova sua reivindicação de ser Deus (Jo 8.58; 10.30). A ressurreição apenas substancia a reivindicação de Jesus de ser Deus se ele ressuscitou no mesmo corpo literal que foi crucificado.

A verdade do cristianismo é baseada totalmente na ressurreição corporal de Cristo. Jesus ofereceu a ressurreição como prova de sua divindade durante todo seu ministério (Mt 12.38-40; Jo 2.19-22; 10.18). Numa passagem, ele apresentou sua ressurreição como evidência singular de sua identidade. Jesus disse aos que buscavam um sinal: Mas nenhum sinal lhe será dado, exceto o sinal do próprio Jonas. Pois assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre de um grande peixe, assim o filho do homem ficará três dias e três noites no coração da terra.(Mt 12.39,40).

Além de Jesus apresentar a ressurreição como prova de sua divindade, para os apóstolos suas aparições foram "provas indiscutíveis" (At 1.3). Ao apresentar as reivindicações de Cristo, eles usaram continuamente o fato da ressurreição corporal de Jesus por base de seu argumento (cf. At 2.22-36; 4.2,10; 13.32-41; 17.1-4,22-31). Paulo concluiu que Deus "deu prova disso [Jesus] a todos, ressuscitando-o dentre os mortos" (At 17.31).

A continuidade física entre o corpo pré e pós-ressurreição de Cristo é demonstrada repetidamente na pregação apostólica. Em seu primeiro sermão, Pedro declarou aos judeus: "Vocês, com a ajuda de homens perversos, o mataram, pregando-o na cruz. Mas Deus o ressuscitou dos mortos, rompendo os laços da morte ..." (At 2.23,24). Ele acrescenta: "não foi abandonado no sepulcro e cujo corpo não sofreu decomposição. Deus ressuscitou este Jesus, e todos nós somos testemunhas desse fato" (vv. 31,32). Paulo também é específico ao fazer a ligação entre o corpo real que foi colocado no túmulo e o que ressuscitou. Ele diz: "Tiraram-no do madeiro e o colocaram num sepulcro mas Deus o Ressuscitou dos mortos" (At 13.29,30).

Verificação do evento real. Segundo, se Cristo não ressuscitou num corpo físico e material, a ressurreição é inverificável. Não há maneira de confirmar se ele realmente ressuscitou a não ser que tenha ressurgido no mesmo corpo tangível e físico que morreu e foi sepultado. Se o corpo ressurreto era essencialmente imaterial e "angelical" (Harris, *Raised immortal* [*Ressurreto imortal*], p. 53, 124, 126), não há maneira de verificar se a ressurreição ocorreu. A manifestação de uma forma angelical não prova a ressurreição corporal. Na melhor das hipóteses, a manifestação angelical prova que há um espírito com poder para se materializar depois de deixar o corpo.

Até os anjos, que são puros espíritos (Hb 1.14), têm o poder de se "materializar" (Gn 18). Os anjos que apareceram para Abraão assumiram forma visível (Gn 18.8; 19.3). Isso, porém, não era prova de que por natureza eles possuíssem corpos físicos. Na verdade, não possuíam; são espíritos (Mt 22.30; Lc 24.39; Hb 1.14). E suas manifestações não foram continuação física de um corpo terreno anterior, como é o caso do corpo ressurreto de Cristo. As manifestações angelicais foram apenas formas temporárias para facilitar a comunicação com seres humanos. Colocar as aparições de Jesus nessa categoria é reduzir a ressurreição a mera teofania.

Chamar o corpo de Cristo "angelical" não só diminui sua natureza como também destrói seu valor como evidência, pois há diferença real entre uma manifestação angelical e um corpo físico literal. A ressurreição no corpo imaterial não é prova de que Cristo tenha derrotado a morte de seu corpo material (cf. 1Co 15.54-56). Um corpo ressurreto imaterial é o mesmo que nenhum corpo ressurreto.

Considerações teológicas. O problema da criação. Deus criou o mundo material e o considerou "bom" (Gn 1.31; cf. Rm 14.14 e 1Tm 4.4). O pecado desintegrou o mundo e trouxe decomposição e morte (Gn 2.17; Rm 5.12). Toda a criação material foi sujeita à escravidão por causa do pecado (Rm 8.18-25). No entanto, por meio da redenção a decomposição e a morte serão revertidas. Pois "a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra" (v. 21). Na verdade, Toda a natureza criada geme até agora [...] mas nós mesmos, que temos os primeiros frutos do Espírito, gememos interiormente, esperando ansiosamente nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo (v. 22,23). Deus reverterá a maldição sobre a criação material por meio da ressurreição material. Qualquer coisa inferior à ressurreição do corpo físico não restauraria a criação perfeita de Deus como a criação material. Logo, a ressurreição imaterial é contrária aos propósitos criativos de Deus. Assim como recriará o universo físico (2Pe 3.10-13; Ap 21.1-4), Deus também reconstituirá o corpo humano material ao redimir o que morreu.

Qualquer coisa inferior a recriação material do mundo e a reconstrução material do corpo seria o fracasso do propósito criativo de Deus. Robert Gundry, estudioso do NT, observa:

Qualquer coisa inferior a isso mina a intenção final de Paulo — que o homem redimido possua meios físicos de atividade concreta para o serviço e a adoração eternos de Deus na criação restaurada". Portanto, desmaterializar a ressurreição, de qualquer forma, é debilitar a soberania de Deus tanto no propósito criativo quanto na graça redentora (Gundry, p. 182).

O problema da salvação. Há sérios problemas com a doutrina da *salvação* pela a negação da natureza física da ressurreição de Cristo. O NT ensina que a crença na ressurreição corporal de Cristo é uma condição da salvação (Rm 10.9,10; 1Ts 4.14). É parte da essência do próprio evangelho (1Co 15.1-5). No NT o que se entendia por *corpo* (*soma*) era um corpo físico literal. Logo, a negação da ressurreição física de Cristo prejudica o evangelho.

Além disso, sem a ressurreição física não há continuidade material entre o corpo anterior e posterior à ressurreição e pós-ressurreição. Na verdade, haveria dois corpos diferentes (Harris, *From grave to glory* [*Do túmulo à glória*], p. 54-6, 126). No entanto, como Gundry observa:

A continuidade física também é necessária. Se o espírito humano — um tipo de terceira entidade — for a única ligação entre os corpos mortal e ressurreto, a relação entre os dois corpos é extrínseca e por isso ineficaz como demonstração da vitória de Cristo sobre a morte (Gundry, p. 176).

Em termos mais fortes, Gundry conclui que "a ressurreição de Cristo foi, e a ressurreição dos cristãos será, de natureza física" (Gundry, p. 182). Sem a ressurreição não há base para celebrar a vitória sobre a morte física.

O problema da encarnação. A negação da natureza física do corpo ressurreto é um erro *doutrinário* sério. É um tipo de neodocetismo (v. DOCETISMO). Os docetistas eram um grupo não-ortodoxo do século II que negava que Jesus fosse realmente humano (Cross, p. 413). Eles acreditavam que Jesus era realmente Deus, mas só parecia ser humano. Negavam que ele tivesse carne humana real.

Um erro doutrinário semelhante existia no século I. João adverte contra aqueles que negam que "Jesus Cristo veio em *carne*" (1Jo 4.2; cf. 2Jo 7). Na verdade, quando João disse "veio", ele quis dizer que Cristo veio na carne e continua (após sua ressurreição) na carne. Em 1João 4.2 o particípio perfeito (*elēluthota*) significa "não só que Jesus Cristo veio na plenitude do tempo na carne, mas também que, portanto, ele *ainda está presente* [...] Ele é um Cristo que veio e habita na carne" (Schep, p. 71-2). Ao comentar a passagem paralela em 2João 7, o estudioso de grego A. T. Robertson observa que é a construção (particípio presente) que trata a encarnação como fato contínuo. É isso que os gnósticos docetistas (v. GNOSTICISMO) negavam (Robertson, 6:253). Negar que Cristo tinha um corpo material antes ou depois da sua ressurreição é falsa doutrina. O atual docetismo pós-ressurreição nega que aquele que veio na carne também ressuscitou na carne (Harris, *From grave to glory*, p. 124-6).

O fato de Cristo ter carne humana é essencial para sua humanidade completa e é usado repetidamente para descrevê-la (Jo 1.14; 1Tm 3.16; 1Jo 4.2; 2Jo 7). Nesse caso, se Cristo não ressuscitou imortalmente na carne, ele não era totalmente humano. Isso é crítico, pois o ministério de Cristo para nossa salvação não terminou na cruz. Segundo Hebreus, Cristo "vive sempre para interceder por eles" (Hb 7.25). Na verdade, é pelo fato de Cristo ser completamente humano que é capaz de "compadecer-se das nossas fraquezas" no seu ministério sacerdotal (Hb 4.15). Portanto, a humanidade completa de Cristo é necessária para nossa salvação. Logo, se Cristo não ressurgiu nesse corpo humano, ele não é totalmente humano e não pode ser eficaz para alcançar nossa salvação.

O problema da imortalidade humana. Além disso, negar a ressurreição física cria um sério problema com relação à imortalidade cristã. Se Cristo não ressuscitou no mesmo corpo físico no qual foi crucificado, também não temos esperança de sermos vitoriosos sobre a morte física. Somente por meio da ressurreição física de Cristo o crente pode proclamar triunfantemente: "Onde está, ó morte, a seu vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?" (1Co 15.55). Pois é apenas por meio da ressurreição física que Deus "tornou inoperante a morte, e trouxe à luz a vida e a imortalidade por meio evangelho" (2Tm 1.10). Como Paulo disse aos coríntios, "se Cristo não ressuscitou [...] os que dormiram em Cristo estão perdidos" (1Co 15.17,18).

O problema do engano moral. Há um problema *moral* sério de engano com relação à negação da ressurreição física. Ninguém pode olhar diretamente para o registro do evangelho das aparições de Cristo depois da ressurreição e negar que Jesus tentou convencer os discípulos céticos de que tinha um corpo físico real. Ele disse: "Vejam as minhas mãos e os meus pés. Sou eu mesmo! Toquem-me e vejam; um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho" (Lc 24.39). Ele comeu na presença deles (vv. 41-43). Desafiou Tomé: "Coloque o seu dedo aqui; veja as minhas mãos. Estenda a mão e coloque- a no meu lado. Pare de duvidar e creia" (Jo 20.27; v. RESSURREIÇÃO, EVIDÊNCIAS DA).

Dado o contexto da reivindicação de Jesus e da crença judaica na ressurreição física (cf. Jo 11.24; At 23.8), não há outra impressão razoável que tais afirmações pudessem ter deixado na mente dos discípulos senão que Jesus tentava convencê-los de que ressuscitara no mesmo corpo físico no qual morrera. Se o corpo ressurreto de Jesus apenas um corpo imaterial, Jesus enganou seus discípulos. Se o corpo ressurreto de Jesus não era um corpo tangível e físico, ele estava mentindo.

Evidência da ressurreição física. Como foi demonstrado no artigo RESSURREIÇÃO, OBJEÇÕES À, argumentos contra a ressurreição são infundados. Além disso, as evidências a favor da natureza física da ressurreição também são surpreendentes. Apesar de algumas das evidências a seguir também serem válidas para a historicidade da ressurreição, comprovam ainda que Jesus não era "angelical" ao aparecer. Pelo contrário, ele se apresentou com um corpo bem real — o mesmo corpo que foi crucificado.

Jesus foi tocado por mãos humanas. Jesus desafiou Tomé: "Coloque o seu dedo aqui; veja as minhas mãos. Estenda a mão e coloque-a no meu lado. Pare de duvidar e creia" (Jo 20.27). Tomé respondeu: "Senhor meu e Deus meu!" (v. 28). Da mesma forma, quando Maria segurou Jesus após a ressurreição, ele ordenou: "Não me segure pois ainda não voltei para meu Pai" (Jo 20.17). Mateus acrescenta que as mulheres abraçaram os pés de Jesus e o adoraram (Mt 28.9). Mais tarde, quando Jesus apareceu aos dez discípulos, ele disse: "Vejam as minhas mãos e os meus pés, que Sou eu mesmo *Toque-me* e vejam" (Lc. 24.39). O corpo ressurreto de Cristo era um corpo físico que podia ser tocado, até mesmo nas marcas dos cravos e da lança.

O corpo de Jesus era de carne e osso. Talvez a evidência mais forte da natureza física do corpo ressurreto seja que Jesus disse enfaticamente: "Toquem-me e vejam, um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho" (Lc 24.39). Então, para provar sua afirmação, pediu algo para comer, e "Deram-lhe um pedaço de peixe assado [*e um favo de mel*], e ele comeu na presença deles" (v. 41-43).

Paulo observou corretamente que "carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus" (1Co 15.50), mas Jesus não tinha carne corruptível; ele não tinha pecado (2Co 5.21; Hb 4.15). Era de carne, mas não carnal. Não tinha carne humana *pecaminosa* (Hb 4.15); no entanto, morreu e ressurgiu dos mortos em carne humana real (*sarx*, At 2.31). João enfatizou a encarnação contínua de Jesus, quando advertiu: "muitos enganadores têm saído pelo mundo, os quais não confessam Jesus Cristo veio em corpo" (2Jo 7). O uso do particípio no grego significa que Cristo continuava na carne até quando isso foi escrito. A alegação de que seu corpo era de carne física antes da ressurreição, mas de carne não-física depois dela, é uma forma de gnosticismo ou docetismo.

Jesus comeu alimento físico. Outra evidência que Jesus ofereceu da natureza física e tangível de seu corpo ressurreto foi a capacidade de comer, o que ele fez em pelo menos quatro ocasiões (Lc 24.30,41-43; Jo 21.12,13; At 1.4). Atos 10.41 indica que Jesus comeu com freqüência com os discípulos após sua ressurreição, falando sobre os apóstolos que comeram e beberam com ele, "depois que ressuscitou dos mortos".

Ao contrário dos anjos, o corpo de Jesus era material por natureza (Lc 24.39). Dado esse contexto, seria puro engano Jesus ter mostrado sua carne e oferecido sua capacidade de comer alimento físico como prova de seu corpo físico, se não tivesse ressurgido num corpo físico.

O corpo de Jesus continha suas feridas. Outra evidência inconfundível da natureza física do corpo ressurreto é que ele possuía as marcas físicas da crucificação de Jesus. Nenhum corpo "espiritual" ou imaterial poderia ter cicatrizes físicas (Jo 20.27). Na verdade, no mesmo corpo físico Jesus subiu ao céu, onde ainda é visto como o "Cordeiro, que parecia ter estado morto" (Ap 5.6). E, quando Cristo voltar, será "*esse Jesus* que dentre vocês foi elevado ao céu" (At 1.11). Essas mesmas marcas da sua crucificação serão visíveis na segunda vinda, pois João declarou: "Eis que ele vem com as nuvens, e *todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram*" (Ap 1.7).

O corpo de Jesus foi reconhecido. As palavras comuns para "ver" (*horaō, theoreō*) e "reconhecer" (*epiginōskō*) objetos físicos foram usadas vez após vez com relação a Cristo em seu estado ressurreto (v. Mt 28.7,17; Mc 16.7; Lc 24.24; Jo 20.14; 1Co 9.1). Em certas ocasiões Jesus não foi reconhecido imediatamente por alguns dos discípulos, algumas delas talvez por causas sobrenaturais. Lucas fala sobre uma ocasião em que "mas os olhos deles foram impedidos de reconhecê-lo" (24.16), e mais tarde "Então os olhos deles foram abertos e o reconheceram" (v. 31). No entanto, as causas gerais eram fatores puramente naturais, tais como perplexidade (Lc 24.17-21), tristeza (Jo 20.11-15), falta de luz (Jo 20.14,15), distância visual (Jo 21.4), aparição repentina de Jesus (Lc 24.36,37), roupas diferentes que usava (Jo 19.23,24; 20.6-8) ou a insensibilidade espiritual (Lc 24.25,26) e incredulidade (Jo 20.24,25) dos discípulos. De qualquer forma, a dificuldade foi

temporária. Antes de as aparições terminarem, não restava nenhuma dúvida em suas mentes de que Cristo havia ressuscitado corporal literalmente.

O corpo de Jesus podia ser visto e ouvido. O corpo ressurreto de Jesus podia não só ser tocado, mas também visto e ouvido. Mateus diz que "quando o *viram*, o adoraram" (Mt 28.17). Os discípulos de Emaús o reconheceram enquanto comiam juntos (Lc 24.31), talvez pelos seus movimentos (cf. v. 35). No grego a palavra *epiginōsko* significa "conhecer, entender ou reconhecer". Normalmente significa reconhecer um objeto físico (Mc 6.33, 54; At 3.10). Maria deve ter reconhecido Jesus pelo tom da voz (Jo 20.15,16). Tomé o reconheceu, provavelmente antes de tocar as marcas da crucificação (Jo 20.27,28). Durante o período de quarenta dias, todos os discípulos o viram e ouviram, e testemunharam as "provas discutíveis" de que estava vivo (At 1.3; cf. 4.2,20).

A ressurreição é dentre os mortos. Ressurreição no NT geralmente é descrita como "dos (*ek*) os mortos" (cf. Mc 9.9; Lc 24.46; Jo 2.22; At 3.15; Rm 4.24; 1Co 15.12). Literalmente, essa preposição grega *ek* significa que Jesus ressuscitou "dentre os" corpos mortos, isto é, da sepultura onde cadáveres são enterrados (At 13.29,30). Essas mesmas palavras são usadas para descrever a ressurreição de Lázaro "dos[dentre] os mortos" (Jo 12.1). Nesse caso não há dúvida de que ele saiu da sepultura com o mesmo corpo que foi enterrado. Portanto, a ressurreição era de um cadáver físico saindo de um túmulo ou cemitério. Como Gundry observou corretamente, "para alguém que fosse fariseu, esse fraseado só poderia ter um significado — ressurreição física" (Gundry, p. 177).

Sōma sempre significa corpo físico. Quando usada com relação a um ser humano, a palavra *corpo* (*sōma*) sempre significa um corpo físico no NT. Não há exceções a esse uso. Paulo usa *sōma* quando menciona o corpo ressurreto de Cristo (1Co 15.42-44), indicando assim sua crença de que ele era um corpo físico. O trabalho exegético definitivo sobre *sōma* foi feito por Gundry (ibid.). Como evidência da natureza física do corpo ressurreto, ele indica que "Paulo usou *sōma* sem exceções com relação ao corpo físico" (Gundry, p. 168). Logo, ele conclui que

> O uso sistemático e exclusivo de *sōma* com relação a corpo físico em contextos antropológicos se opõe à desmaterialização da ressurreição, tanto por idealismo quanto por existencialismo (ibid.).

Para os que acham que Paulo deveria ter usado outra palavra para expressar a ressurreição física, Robert Gundry responde: "Paulo usa *sōma* precisamente porque a fisicidade da ressurreição é indispensável para sua soteriologia" (Gundry, p. 69). Esse uso sistemático da palavra *sōma* para o corpo físico é mais uma confirmação de que o corpo ressurreto de Cristo era um corpo literal e material.

O túmulo estava vazio. Junto com as aparições do mesmo Jesus crucificado, o túmulo vazio dá forte evidência da natureza física do corpo ressurreto de Cristo. Os anjos declararam: "Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Venham ver o lugar onde ele jazia" (Mt 28.6). Como era um corpo literal e material, foi colocado ali, e como *o mesmo corpo físico* ressuscitou, conclui-se que o corpo ressurreto era o mesmo corpo material que morreu.

As vestes mortuárias não foram desmanchadas. Quando Pedro entrou no túmulo, "Viu as faixas de linho, bem como o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus. Ele estava dobrado à parte, separado das faixas de linho" (Jo 20.6,7). Certamente, se os ladrões tivessem roubado o corpo, não teriam tempo para tirar e separar o lenço. E se Jesus tivesse se evaporado no interior dos lençóis, o lenço não estaria num lugar separado. Esses detalhes revelam a verdade de que o corpo material de Jesus que jazia ali fora restaurado à vida (At 13.29,30). João ficou tão convencido por essa evidência da ressurreição física que, quando a viu, creu que Jesus havia ressuscitado, apesar de ainda não o ter visto (Jo 20.8).

O corpo que morreu é o mesmo que ressuscitou. Se o corpo ressurreto é em tudo idêntico ao corpo antes da ressurreição ressureto e esse é incontestavelmente material, conclui-se que o corpo ressurreto também é material. Isso, é claro, não significa que todas as partículas sejam iguais. Até o nosso corpo atual muda suas partículas continuamente, mas é o mesmo corpo material. Isso significa que o corpo ressurreto é o mesmo corpo material contínuo e substancial, não importa que mudanças acidentais possa haver em suas moléculas. Além do túmulo vazio, os lençóis, a analogia da semente e as marcas da crucificação são outras linhas de evidência de que a ressurreição de Cristo deu-se no mesmo corpo físico que morreu.

Em primeiro lugar, Jesus disse com antecedência que o mesmo templo, seu corpo, seria destruído e reconstruído. Ele disse: "Destruam este templo, e eu o levantarei em três dias " (Jo 2.19). O pronome *o* manifesta que o corpo ressurreto é o mesmo que o corpo destruído pela morte.

Segundo, a mesma identidade é sugerida na forte comparação entre a morte e a ressurreição de Jesus e

a experiência de Jonas no grande peixe (Mt 12.39; 16.4). Ele disse: "Pois assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre de um grande peixe, assim o Filho do homem ficará três dias noites no coração da terra" (Mt 12.40). Obviamente, em ambos os casos o corpo físico que entrou foi o mesmo que saiu. Logo, a identidade inseparável entre o corpo antes e depois da ressureição de Jesus estabelecida por Paulo, o fariseu convertido, é forte confirmação de que ele está afirmando a natureza física do corpo ressurreto.

Terceiro, Paulo acrescentou: "Pois é necessário que aquilo que é corruptível se revista de incorruptibilidade, e aquilo que é mortal, se revista de imortaliddade" (1Co 15.53). É digno de nota que Paulo não diz que esse corpo corruptível será *substituído* por um modelo incorruptível. Mas esse corpo físico que agora é corruptível "se revestirá" com o elemento adicional de incorruptibilidade. Se um corpo material fosse enterrado e um corpo espiritual ou imaterial ressurgisse, não seria o mesmo corpo. Mas nesse texto Paulo afirma a identidade numérica entre o corpo antes e depois da ressureição.

Quarto, o sermão de Paulo em Antioquia revela a identidade entre o corpo que foi morto na cruz e o que ressuscitou dos mortos. Ele disse: "Tendo cumprido tudo o que estava escrito a respeito dele, tiraram-no da madeira e o colocaram num sepulcro. Mas Deus o ressuscitou dos mortos" (At 13.29,30).

Finalmente, a ligação íntima entre a morte e a ressurreição indica a identidade numérica *do corpo ressurreto*. Paulo considerou de extrema importância o fato de que "Cristo morreu pelos nossos pecados [...] e que foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia" (1Co 15.3,4). Em outra passagem, Paulo declara que o que foi "sepultado" foi "ressuscitado dos mortos" (Rm 6.3-5; cf. At 2.23,24; 3.15; 4.10; 5.30; 10.39,40; 13.29,30; Cl 2.12). É importante salientar que, "como ex-fariseu, Paulo não poderia ter usado uma linguagem tão tradicional sem reconhecer sua intenção de retratar a ressurreição de um cadáver" (Gundry, p. 176).

À luz da evidência, não há justificativa para a afirmação de que o corpo antes e depois da ressurreição não tinham a mesma "identidade material" e que "o corpo ressurreto não terá a harmonia ou fisiologia do corpo terreno" (Harris, *Raised immortal*, p. 124, 126). E como os crentes terão corpos como o dele (Fp 3.21), conclui-se que seus corpos também serão materiais. Na realidade, muitos dos argumentos acima podem ser aplicados diretamente aos crentes. Por exemplo, a Bíblia diz que eles ressuscitarão do "pó da terra" (Dn 12.2) e "sairão" dos "túmulos" (Jo 5.28,29), indicando assim a natureza material dos corpos ressurretos.

Conclusão. Murray Harris alegou que o corpo ressurreto é "espiritual" e não é realmente um corpo físico de carne e osso. E escreveu:

> Conseqüentemente o corpo de "carne e ossos" material que Jesus tinha durante seu encontro com os discípulos não era parte integral do seu "corpo espiritual", mas foi assumido temporariamente, na verdade por razões evidenciais, como acomodações ao entendimento de seus discípulos (Harris, *From grave to glory*, p. 392).

Mas se as marcas da crucificação não estavam no corpo ressurreto "espiritual" real, mas apenas no corpo assumido temporariamente por razões evidenciais, Jesus enganou seus discípulos quando disse, a respeito desse corpo temporário de carne e osso: "Vejam as minhas mãos e os meus pés. Sou eu mesmo" (Lc 24.39). Segundo Harris, esse corpo temporário não era nem o corpo físico no qual ele fora crucificado nem seu corpo real ("espiritual") da ressurreição. Se a afirmação de Harris está correta, Jesus enganou seus discípulos descaradamente.

O único corpo que realmente tinha as marcas da ressurreição era o corpo físico de carne e osso no qual Jesus morreu. Mas, segundo Harris, o corpo material assumido temporariamente no qual Jesus apareceu não era o mesmo corpo de carne que tinha as verdadeiras marcas da ressurreição. Conclui-se, então, que o corpo físico assumido temporariamente que Jesus mostrou aos seus discípulos era apenas uma réplica do corpo crucificado. Se Harris estiver certo, Jesus mentiu descaradamente; essa parece uma objeção séria à sua teoria.

A Bíblia é bem clara com relação à natureza do corpo ressurreto. É o mesmo corpo físico e material de carne e osso que morre. Há, na verdade, várias linhas de evidência para apoiar isso. A evidência da natureza física do corpo ressurreto é surpreendente (V. RESSURREIÇÃO, EVIDÊNCIAS DA), e nunca é demais ressaltar sua importância para o cristianismo. Qualquer negação da ressurreição corporal de Cristo é uma questão séria. Negações feitas por evangélicos são ainda mais sérias, incluindo os que usam o termo tradicional *ressurreição física* para afirmar essa teoria. Pois ressurreição "física" sempre significou que Jesus ressurgiu com o mesmo corpo material e físico que morreu.

Este fato é a peça fundamental da teologia e apologética ortodoxa. O cristianismo histórico se firma ou cai por terra com base na historicidade e materialidade da ressurreição corporal de Cristo.

Fontes

W. F. Arndt e F. W. Gingrich, *A Greek-English lexicon of the New Testament.*

W. Craig, *Knowing the truth about the resurrection.*

F. L. Cross, org., *The Oxford dictionary of the christian church.*

G. Friedrich, *The theological dictionary of the New Testament.*

N. L. Geisler, *The battle for the resurrection.*

___, *In defense of the resurrection.*

R. Gundry, Soma *in biblical theology.*

M. Harris, *From grave to glory.*

___, *Raised immortal.*

A. T. Robertson, *Word pictures in the New Testament.*

J. A. Schep, *The nature of the resurrection body.*

ressurreição, objeções à. Entre as objeções comuns levantadas contra a ressurreição física de Cristo, algumas afirmam que os milagres, incluindo a ressurreição, não são críveis (v. MILAGRES, ARGUMENTOS CONTRA). Estas objeções são respondidas especificamente no artigo acima mencionado. Outros insistem em que não podemos saber os verdadeiros acontecimentos que envolveram a morte e ressurreição de Cristo porque os documentos do NT são falhos. Com relação a essa incerteza, v. ATOS, HISTORICIDADE DE; ARQUEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO; BÍBLIA, CRÍTICA DA; JESUS, SEMINÁRIO DE; NOVO TESTAMENTO, MANUSCRITOS DO; e NOVO TESTAMENTO, HISTORICIDADE DO.

No final do século XX, surgiram duas outras objeções. Uma é que as seqüências de eventos dos evangelhos não podem ser harmonizadas. Uma segunda teoria que ganhou adeptos até mesmo entre acadêmicos evangélicos do NT o argumenta que o corpo ressurreto de Cristo era um corpo espiritual, não físico. Murray Harris estava à frente dessa teoria até que, silenciosamente, modificou sua opinião. Mas vários outros estudiosos do NT, incluindo e George Ladd, defenderam o mesmo ponto de vista. Pelo fato de vários aspectos dessa teoria precisarem ser considerados, as objeções à ressurreição serão respondidas aqui; a consideração geral sobre o corpo ressurreto — o de Cristo e o nosso — é feita mais extensamente no artigo RESSURREIÇÃO, NATUREZA FÍSICA DA.

	Mt	Mc	Lc	Jo	At	1Co
1. Maria Madalena			X		X	
2. Maria/ mulheres	X	X				
3. Pedro			X		X	
4. Dois discípulos		X	X			
5. Dez discípulos			X	X		
6. Onze discípulos		X				
7. Sete discípulos				X		
8. Comissão dos apóstolo	X		X		X	
9. 500 irmãos					X	
10. Tiago					X	
11. Ascensão	X					
12. Paulo					X	X

Harmonia dos registros. Com freqüência os críticos alegam que o registro da ressurreição é contraditório. A ordem dos eventos parece diferir entre os relatos. Por exemplo, os evangelhos descrevem Maria Madalena como a primeira a ver Jesus depois da ressurreição (cf. Mt 28.1ss.), mas 1 Coríntios 15.5 descreve Pedro como o primeiro a ver o Cristo ressurreto. Da mesma forma, Mateus (28.1) descreve "Maria Madalena e a outra Maria" como as primeiras no túmulo, mas João (20.1) descreve apenas Maria Madalena.

O exame minucioso revela que as descrições apresentam o mesmo fato de pontos de vista diferentes; os relatos se harmonizam quando comparados detalhadamente.

Há uma ordem geral discernível dos eventos pós-ressurreição nos registros do NT. Os demais eventos se encaixam nesse esquema geral (v. RESSURREIÇÃO, EVIDÊNCIAS DA):

Os manuscritos mais antigos e confiáveis não contêm Marcos 16.9-20.

Pedro viu o túmulo vazio; ele não se encontrou imediatamente com Cristo.

Outros teólogos (cf. Wenham,p. 139) invertem os números 3 e 4 (mas v. Lc 24.34), e alguns combinam 8 e 9. Essas diferenças não afetam a harmonização dos eventos (v. RESSURREIÇÃO DE CRISTO).

Alguns fatores ajudam a entender por que os autores abordaram o assunto dessa maneira:

• Paulo em 1Coríntios resume a defesa da ressurreição do ponto de vista legal e oficial, não fornecendo um relatório detalhado. Portanto, ele apresenta uma lista oficial de testemunhas, que jamais teria incluído mulheres no contexto greco-romano

de Corinto. O testemunho de uma mulher não era válido no tribunal.

• A aparição de Cristo para Paulo não foi incluída nos evangelhos, pois Paulo viu a Cristo anos depois da ascensão (Atos 9; cf. 1Co 15.7).

• Como apologista, Paulo destacou a aparição impressionante para as quinhentas testemunhas, a maioria das quais ainda estava viva quando ele escreveu 1Coríntios (c. 55 d.C.).

• Outras aparições, como para Tiago (1Co 15.7) e no caminho para Emaús (Lc 24.13-34), encaixam-se como informação suplementar. Elas não entram no debate da harmonização.

A história das mulheres. Mesmo os eventos intrigantes da primeira manhã envolvendo as mulheres que foram ao túmulo não são difíceis demais de organizar (v. RESSURREIÇÃO DE CRISTO).

Conflito no testemunho independente. O fato de vários registros não se harmonizarem com tanta facilidade deve ser esperado do testemunho autêntico de testemunhas independentes. Se os registros fossem perfeitamente harmoniosos, haveria suspeita de conluio das testemunhas. O fato de os eventos e a ordem serem descritos de perspectivas diferentes que dependem do envolvimento pessoal dos participantes e algumas confusões de detalhes num momento intenso e desconcertante são exatamente o que se espera de registros confiáveis. Na verdade, muitas mentes acostumadas a assuntos legais, treinadas para investigar falsas testemunhas, examinaram os registros dos evangelhos e os declararam confiáveis. Simon Greenleaf, o professor de direito de Harvard que escreveu o livro-texto clássico sobre evidências legais, atribuiu a própria conversão à sua cuidadosa investigação das testemunhas do evangelho. Ele concluiu que

> cópias que fossem universalmente recebidas e que influenciassem tanto quanto os quatro evangelhos seriam recebidas como evidência em qualquer tribunal de justiça, sem a menor hesitação (Greenleaf, P. 9, 10).

A natureza essencialmente física do corpo ressurreto. Várias passagens são usadas por críticos para argumentar que o corpo ressurreto de Jesus não era contínua e essencialmente físico (Harris, *From grave to glory* [*Do túmulo à glória*], p. 373). Nenhuma delas, porém, afirma que o corpo de Jesus não era físico.

Paulo e o "corpo espiritual". Os proponentes da teoria de que o corpo ressureto é imaterial citam 1Coríntios 15.44. Paulo refere-se ao corpo ressurreto como "corpo espiritual", em comparação com o "corpo natural" anterior à ressureição (1Co 15.44). Mas um estudo do contexto não apóia essa conclusão.

Um corpo "espiritual" denota um corpo imortal, não imaterial. Um corpo "espiritual" é dominado pelo espírito, não destituído de matéria. A palavra grega *pneumatikos* (traduzido por "espiritual" aqui) significa um corpo dirigido pelo espírito, ao contrário do corpo dominado pela carne. Não é governado pela carne que perece, mas pelo espírito que permanece (v. 50-58). Então o "corpo espiritual" aqui não significa imaterial e invisível, mas imortal e imperecível.

"Espiritual" também denota um corpo sobrenatural, não um corpo não-físico. O corpo ressurreto a que Paulo se refere é sobrenatural. A série de comparações usadas por Paulo nessa passagem revela que o corpo ressurreto era um corpo sobrenatural. Note as comparações:

Corpo antes da ressurreição — terreno	Corpo após a ressureição — celestial
Perecível (v. 42)	Imperecível
fraco (v. 43)	poderoso
mortal (v. 53)	imortal
mortal (v. 44)	[sobrenatural]

O contexto completo indica que "espiritual" (*pneumatikos*) poderia ser traduzido por "sobrenatural" em contraste com "natural". Isso fica claro pelas comparações entre perecível e imperecível, corruptível e incorruptível. Na verdade, *pneumatikos* deveria ser traduzido por "sobrenatural" em 1 Coríntios 10.4, quando fala da "pedra espiritual que os seguia" no deserto. O *greek-english lexicon of the New Testament* explica: "o que pertence à ordem sobrenatural da existência é descrito como *pneumatikos*: portanto, o corpo ressurreto é um *soma pneumatikos* [*corpo sobrenatural*]".

"Espiritual" refere-se a objetos físicos. Um estudo do uso de Paulo para a mesma palavra em outras passagens revela que ela não se refere a algo que é puramente imaterial. Primeiro, Paulo falou da "Rocha espiritual" que seguiu Israel no deserto, da qual beberam uma "bebida espiritual" (1Co 10.4). Todavia, a história do AT (Êx 17; Nm 20) revela que se tratava de uma pedra física, da qual bebiam água literal. Mas a água real que vinha da pedra material era produzida sobrenaturalmente (1Co 10.3,4).

Ou seja, o Cristo sobrenatural era a fonte dessas manifestações sobrenaturais de comida e água física. Mas só porque as provisões físicas vinham de uma fonte espiritual (i.e., sobrenatural) não significa que fossem imateriais. Quando Jesus multiplicou

sobrenaturalmente pão para cinco mil pessoas (Jo 6), ele fez pão literal. Mas esse pão literal e material poderia ser chamado de espiritual por causa da sua fonte sobrenatural. Da mesma forma, o maná literal dado a Israel é chamado de "alimento espiritual" (1Co 10.3).

Além disso, quando Paulo falou sobre "quem é espiritual" (1Co 2.15), ele certamente não quis dizer um homem invisível e imaterial, sem corpo físico. Ele estava falando de um ser humano de carne e osso cuja vida era vivida pelo poder sobrenatural de Deus. Referia-se a uma pessoa literal cuja vida tinha uma direção espiritual. O homem ou a mulher espiritual é a pessoa que é ensinada "pelo Espírito" e que "aceita as coisas do Espírito de Deus" (1Co 2.13,14). O corpo ressurreto pode ser chamado de "corpo espiritual", assim como falamos que a Bíblia é um "livro espiritual". Não obstante a fonte e o poder espiritual, o corpo ressurreto e a Bíblia são objetos materiais.

O *Novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento* diz que *espiritual* é usado "em comparação com o *meramente* material ou para as atividades e atitudes derivadas da carne e que recebem significado do que é *meramente* físico, humano e terreno" (Brown, 3.707).

Portanto, "espiritual" não significa algo puramente imaterial ou intangível. O homem espiritual, como a pedra espiritual e a comida espiritual, era um ser físico que recebeu auxílio espiritual ou sobrenatural.

A capacidade do Cristo ressurreto de se manifestar inesperadamente. Argumenta-se que o corpo ressurreto era essencialmente invisível e, portanto, não era um objeto observável na nossa história. O NT diz que ele podia "aparecer" (Harris, *Raised immortal* [*Levantado imortal*], p. 46, 47). Logo, devia ser invisível antes de aparecer (v. Lc 24.34; At 9.17; 13.31; 26.16; 1Co 15.5-8). Em cada uma dessas ocasiões está escrito "apareceu" ou "foi visto" (no aoristo passivo do grego). Gramaticalmente, a ação é de quem aparece, não de quem o vê aparecer. De acordo com tal argumentação, isso significa que Jesus tomou a iniciativa de se tornar visível em suas aparições.

No entanto, o corpo ressurreto de Cristo podia ser visto com os olhos. Registros de aparições usam a palavra *horaō* ("ver"). Embora essa palavra às vezes seja usada no sentido de ver realidades invisíveis (cf. Lc 1.22; 24.23), ela geralmente significa ver com os olhos. A palavra comum que significa "visão" é *horama*, não *horaō* (v. Mt 17.9; At. 9.10; 16.9). No NT, visão refere-se, com freqüência ou sempre, a algo que é essencialmente invisível, tal como Deus ou anjos. Por exemplo, João usa *horaō* para ver Jesus no seu corpo terreno antes da ressurreição (6.36; 14.9; 19.35) e também para vê-lo no seu corpo ressurreto (20.18,25,29). Como a mesma palavra para *corpo* (*sōma*) é usada para Jesus antes e após a ressurreição (cf. 1Co 15.44; Fp 3.21) e como a mesma palavra para sua aparição (*horaō*) é usada em ambos os casos, não há razão para acreditar que o corpo da ressurreição não seja o mesmo corpo físico, agora imortal.

Até a expressão "foi visto" (aoristo passivo, *ōphthē*) simplesmente significa que Jesus tomou a iniciativa de se revelar, não que ele era essencialmente invisível até fazer isso. A mesma forma ("ele apareceu") é usada no AT grego (2Cr 25.21), nos *Apócrifos* (1Macabeus 4.6) e no NT (At 7.26) para seres humanos aparecendo em corpos físicos (Hatch, 2.105-7). Em outras referências, *ōphthē* é usado para visão ocular.

Na sua forma passiva *ōphthē* significa "iniciar uma aparição para visão pública, mover-se de um lugar onde não se é visto para um lugar onde se é visto". Isso não significa que o que é por natureza invisível se torna visível. Quando a expressão "apareceu" (*ōphthē*) é usada com relação a Deus ou anjos (cf. Lc 1.11; At 7.2), que são realidades invisíveis, *naquele contexto* refere-se a uma entidade invisível tornando-se visível. Mas como a mesma expressão é usada para outros seres humanos com corpos físicos e como se alega que Cristo tinha um corpo (*sōma*), não há razão para interpretar essa expressão como referência a algo além do corpo físico e literal a não ser que o contexto exija o contrário. Dizer o contrário contradiz a declaração enfática de João de que o corpo de Jesus, mesmo após a ressurreição (quando João escreveu), era continuamente físico (1Jo 4.2; 2Jo 7).

O mesmo evento que é descrito por "apareceu" ou "foi visto" (passivo aoristo), tal como a aparição de Cristo a Paulo (1Co 15.8), também é encontrado no modo ativo. Paulo escreveu sobre essa experiência no mesmo livro: "Não vi Jesus, nosso Senhor?" (1Co 9.1). Mas, se o corpo ressurreto pode ser visto pelo olho, ele não é invisível até que se torne visível por algum tipo de "materialização".

As aparições de Cristo eram naturais. A palavra "apareceu" (*ōphthē*) refere-se a um evento natural.

O *Greek-english lexicon of the New Testament*, de Arndt e Gingrich, indica que a palavra é usada "para pessoas que aparecem de forma natural". *The theological dictionary of the New Testament* diz que aparições "ocorrem numa realidade que pode ser percebida pelos sentidos naturais". Na *Chave lingüística do Novo Testamento grego*, Fritz Rienecker diz que *apareceu* significa que "ele podia ser visto por olhos humanos, as aparições não era apenas visões" (Rienecker, p. 439).

A intenção não é ignorar textos que, no mínimo, podem ser interpretados de modo a sugerir uma

aparição ou um desaparecimento milagroso. Cristo era Deus e fez milagres. Assim, uma diferença deve ser estabelecida entre o corpo ressurreto essencial de Cristo e o poder de Cristo como Deus encarnado. O *fato* de Jesus poder ser visto não é um milagre, mas a *maneira* em que apareceu era milagrosa. Os textos sobre o que essas aparições repentinas representam são simplesmente ambíguos, e alguns acreditam que Jesus ia e vinha rapidamente de maneira humana normal. Mas há uma forte sugestão de que ele aparecia *repentinamente*. E os textos também falam de desaparecimentos repentinos. Lucas escreve sobre os dois discípulos no caminho para Emaús: "Então os olhos deles foram abertos e o reconheceram, e ele desapareceu da vista deles" (Lc 24.31; cf. Lc 24.51; At 1.9). Isso indicaria um ato de poder, um sinal da sua identidade.

O texto não afirma em parte alguma que Jesus deixou de ser físico quando os discípulos não puderam mais vê-lo. Só porque ele estava fora do campo visual deles não significa que estava fora do seu corpo físico. Deus tem o poder de transportar pessoas milagrosamente nos seus corpos físicos antes da ressurreição de um lugar para outro. Apesar de o significado preciso do texto não ser claro, parece que isso aconteceu com Filipe, o evangelista, quando "o Espírito do Senhor [o] arrebatou" (Atos 8.39), levando-o a uma cidade distante.

Os autores podem enfatizar as "aparições" provocadas por Cristo exatamente por causa do seu valor apologético como milagres. As aparições provaram que ele havia derrotado a morte (At 13.30,31; 17.31; Rm 1.4; cf. Jo 10.18; Ap 1.18). A palavra "apareceu" é uma tradução perfeitamente adequada para expressar o triunfo conquistado. Cristo se mostrou soberano sobre a morte e nas suas aparições após a ressurreição.

A razão para enfatizar as várias aparições de Cristo não é porque o corpo ressurreto era essencialmente invisível e imaterial, mas porque era material e imortal. Sem um túmulo vazio e aparições repetidas do mesmo corpo que foi enterrado nele e tornado imortal, não haveria prova da ressurreição. Então não é de admirar que a Bíblia enfatize tanto as várias aparições de Cristo. Elas são prova real da ressurreição física.

Aparições da ressurreição como "visões". O argumento de que as aparições da ressurreição são chamadas "visões" também é usado para apoiar a teoria do corpo ressurreto não-físico. Lucas relata que as mulheres no túmulo "Voltaram e nos contaram ter tido uma visão de anjos que disseram que ele está vivo" (Lc 24.23). Mas visões são sempre de realidades invisíveis, não de objetos físicos e materiais. O milagre é que essas realidades espirituais podem ser vistas. Logo, argumenta-se que um corpo espiritual é semelhante a um corpo angelical e, portanto, não pode ser visto. Alguns indicam o fato de que os acompanhantes de Paulo durante sua experiência no caminho para Damasco não viram Jesus (Pannenberg, p. 93). Portanto, a experiência do Cristo ressurreto é chamada de visão. Mas esse raciocínio é falho.

Lucas 24.23 não diz que ver o Cristo ressurreto foi uma visão; refere-se apenas à visão da oposição de anjos no túmulo. Os evangelhos jamais se referem a uma aparição do Cristo ressurreto como visão, nem Paulo na sua lista em 1Coríntios 15. A única referência possível a uma aparição da ressurreição como visão está em Atos 26.19, onde Paulo diz: "não fui desobediente à visão celestial". Mas mesmo que essa frase seja uma referência à aparição de Cristo em Damasco, é apenas uma sobreposição de palavras. Pois Paulo claramente disse que viu a Jesus (1Co 15.8) e recebeu credenciais apostólicas (1Co 9.1; cf. At 1.22).

É possível que mesmo em Atos 26.19 a palavra "visão" se refira à revelação subseqüente, feita a Ananias, por meio de quem Deus deu a Paulo a comissão de ministrar aos gentios (At 9.10-19). Paulo não diz nada sobre ver o Senhor como faz ao se referir à sua experiência em Damasco (cf. At 22.8; 26.15). Ao ter uma "visão" (*optasia*), Paulo a designa claramente como tal (2Co 12.1), em contraste com uma aparição real.

Ainda mais significativo, no entanto, é que, quando Paulo faz referência à visão, ele não repete o conteúdo da experiência no caminho, mas descreve o que veio a saber mais tarde. Paulo não recebeu seu mandato missionário específico imediatamente (Atos 9.1-9). Recebeu ordens: "Levante-se, entre na cidade; alguém lhe dirá o que você deve fazer" (v. 6). Foi ali na cidade, por meio de uma "visão" (v. 10) dada a Ananias, que Paulo recebeu seu mandato missionário "para levar o meu nome [de Cristo] perante os gentios" (9.15). Paulo deve ter tido uma visão suplementar à de Ananias ao orar "Vá á casa de Judas, na rua chamada Direita" (At 9.11,12). Foi ali que ele ficou sabendo especificamente que Ananias lhe imporia as mãos (v. 12). Assim, quando Paulo disse "não fui desobediente à visão celestial" em Atos 26.19, ele provavelmente se refere ao mandato recebido por meio da visão de Ananias.

A palavra *visão* (*optasia*) jamais é usada em referência a uma aparição da ressurreição em outra parte do NT. Ela sempre é usada em relação a uma experiência puramente visionária (Lc 1.22; 24.23; 2Co 12.1).

De qualquer forma, o *Theological dictionary of the New Testament* (*Dicionário teológico do NT*) observa corretamente que o Novo Testamento faz distinção entre visões e a experiência em Damasco.

Aparições diferem de visões. Os encontros com Cristo após sua ressurreição geralmente são descritos como "aparições" literais (1Co 15.5-8), e nunca como visões. A diferença entre a mera visão e a aparição física é significativa. Visões dizem respeito a realidades invisíveis e espirituais, tais como Deus e anjos. Aparições são de objetos físicos que podem ser vistos a olho nu. Visões não têm manifestações físicas associadas a elas; aparições têm.

Às vezes as pessoas "vêem" ou "ouvem" coisas em visões (Lc 1.11-20; At 10.9-16), mas não com seus olhos físicos. Quando alguém realmente viu ou teve contato físico com anjos (Gn 18.8; 32.24; Dn 8.18), não foi uma visão, mas uma aparição do anjo no mundo físico. Durante essas aparições os anjos assumiram uma forma visível, depois retornaram ao estado invisível normal. No entanto, as aparições da ressurreição de Cristo foram experiências de ver Cristo em sua forma física e visível com os olhos naturais.

A afirmação de que a experiência de Paulo deve ter sido uma visão porque os que estavam com ele não viram a Cristo também é infundada. Os companheiros de Paulo na estrada para Damasco não viram nem entenderam nada, mas viram o fenômeno de luz e som. A Bíblia diz que ouviram "a voz" (At 9.7) e "viram a luz" (At 22.9). Ouviram, mas não entenderam o significado do que foi dito. O fato de não verem ninguém (At 9.7) não é surpreendente. Paulo ficou fisicamente cego com a claridade da luz (At. 9.8,9). Ao que parece apenas Paulo olhou diretamente para o esplendor da glória divina. Logo, só ele viu a Cristo, e só ele foi literalmente cegado por ela (cf. At 22.11; 26.13). No entanto, foi a experiência de uma realidade física real, pois os que estavam com Paulo também a viram e ouviram com seus olhos e ouvidos naturais.

Aparições apenas para crentes. Argumenta-se que a soberania de Jesus sobre suas aparições indica que ele era essencialmente invisível, tornando-se visível quando queria. Em relação a este ponto, dizem que Jesus não apareceu para incrédulos, supostamente indicando que ele não era naturalmente visível.

Mas as Escrituras jamais dizem que Jesus não apareceu para incrédulos. Ele apareceu para seus irmãos incrédulos (1Co 15.7; Tiago), e Mateus 28.17 indica que nem todos que o viram creram. Ele apareceu para o incrédulo mais hostil de todos, Saulo de Tarso (At 9). Com relação à sua ressurreição, até seus discípulos eram incrédulos a princípio. Quando Maria Madalena e as outras relataram que Jesus ressuscitara, "as palavras delas pareciam loucura" (Lc 24.11). Mais tarde Jesus precisou repreender os dois discípulos no caminho para Emaús porque não creram na sua ressurreição: "Como vocês custam a entender e como demoram a crer em tudo o que os profetas falaram!" (Lc 24.25). Mesmo depois que Jesus apareceu às mulheres, a Pedro, aos dois discípulos e aos dez apóstolos, Tomé ainda disse: "Se eu não vir as marcas dos pregos nas suas mãos, não colocar o meu dedo onde estavam os pregos e não puser minha mão no seu lado, não crerei" (Jo 20.25).

Seletividade não prova invisibilidade. O fato de Jesus ser seletivo com relação às pessoas a quem queria aparecer não indica que era essencialmente invisível. Jesus também estava no controle dos que queriam colocar as mãos nele antes da ressurreição. Em certa ocasião, incrédulos "O levaram até o topo da colina [...] a fim de atirá-lo precipício abaixo. Mas Jesus passou por entre eles e retirou-se" (Lc 4.29,30; cf. Jo 8.59; 10.39).

Jesus também selecionou aqueles para quem fazia milagres. Recusou-se a fazer milagres na sua cidade natal "por causa da incredulidade deles" (Mt 13.58). Jesus até desapontou Herodes, que esperava vê-lo fazer um milagre (Lc 23.8). A verdade é que Jesus recusou-se a lançar pérolas "aos porcos" (Mt 7.6). Em submissão à vontade do Pai (Jo 5.30), controlou sua atividade antes e depois da ressurreição. Mas isso não prova que ele era essencialmente invisível e imaterial antes ou após sua ressurreição.

Passar por portas fechadas. É sugerido por alguns que, como o Cristo ressurreto podia aparecer numa casa de portas trancadas (Jo 20.19,26), seu corpo deve ter sido essencialmente imaterial. Outros sugerem que ele se desmaterializou nessa ocasião. Mas essas conclusões não são sustentáveis.

O texto não diz realmente que Jesus passou por uma porta fechada. Simplesmente diz que "estando os discípulos reunidos a portas trancadas, por medo dos Judeus, Jesus entrou; pôs-se no meio deles" (Jo 20.19). O texto não diz como ele entrou na casa. Como o texto não diz explicitamente como Jesus entrou com as portas trancadas, qualquer sugestão é apenas especulação. Sabemos que anjos usaram seus poderes especiais para destrancar as portas da prisão para libertar Pedro (At 12.10). O Cristo sobrenatural certamente possuía esse poder. Apesar de físico, o corpo ressurreto é pela própria natureza um corpo sobrenatural. Logo, deve-se esperar que ele possa fazer coisas sobrenaturais como aparecer numa casa de portas trancadas.

Se quisesse, Jesus poderia ter realizado o mesmo feito antes da ressurreição com seu corpo físico. Como Filho de Deus, seus poderes miraculosos eram tão grandes antes quanto depois da ressurreição. Mesmo antes da ressurreição, Jesus fez em seu corpo físico milagres que transcendiam leis naturais, tais como andar sobre a água (Jo 6.16-20). Mas andar sobre a água não provava que seu corpo anterior à ressurreição não era físico ou que poderia se desmaterializar.

Segundo a física moderna não é impossível um objeto material passar por uma porta. É apenas estatisticamente improvável. Objetos físicos são em grande parte espaço vazio. Tudo o que é necessário para um objeto físico passar por outro é o alinhamento adequado das partículas nos dois objetos físicos. Isso não é problema para o criador o corpo.

O corpo físico em decomposição. Outro argumento dado a favor do corpo ressurreto imaterial é que um corpo ressurreto físico sugeriria "uma visão grosseiramente materialista da ressurreição, segundo a qual os fragmentos espalhados dos corpos decompostos seriam reunidos" (Harris, *Raised immortal*, p. 126).

É desnecessário para a visão ortodoxa acreditar que as mesmas partículas serão restauradas no corpo ressurreto. Até mesmo o bom senso dita que um corpo pode ser o mesmo corpo físico sem ter as mesmas partículas físicas. O fato observável de que corpos ingerem e eliminam produtos, engordam e emagrecem é evidência suficiente disso. Certamente não dizemos que um corpo não é material ou não é o mesmo corpo porque a pessoa perde cinco quilos — ou até vinte e cinco.

Se necessário, não seria problema para o Deus onipotente reunir todas as partículas exatas do corpo da pessoa na ressurreição. Certamente quem criou todas as partículas do universo poderia reconstituir as relativamente poucas partículas de um corpo humano. O Deus que criou o mundo do *nada* certamente pode recompor um corpo ressurreto a partir de *algo*. Mas, como já foi mencionado, isso não é necessário, pois o corpo ressurreto não precisa das mesmas partículas para ser o mesmo corpo.

À luz da ciência moderna é desnecessário acreditar que Deus reconstituirá as partículas exatas que a pessoa tinha do corpo anterior à ressurreição. Pois o corpo físico continua sendo físico e retém sua identidade genética, apesar de suas moléculas mudarem a cada sete anos aproximadamente. O corpo ressurreto pode ser tão material quanto nossos corpos atuais e ainda assim ter novas moléculas.

Ao contrário de nossos corpos, o corpo de Jesus não se corrompeu no túmulo. Ao citar o salmista, Pedro disse enfaticamente sobre Jesus: "não foi abandonado no sepulcro e cujo corpo não sofreu decomposição" (At 2.31). Paulo acrescenta, em contraste, que o profeta não poderia estar se referindo a Davi, já que ele "sofreu de decomposição" (At 13.36). Assim, no caso de Jesus, a maioria das partículas materiais do seu corpo anterior (se não todas elas) estavam no corpo anterior. Alguns dizem que pode ter havido alguma dissolução no corpo de Jesus, pois a morte em si envolve certa deterioração das moléculas orgânicas. Mas talvez isso se aplique apenas a seres humanos mortais. De qualquer forma não houve dissolução *total*, já que sua ressurreição inverteu o processo de deterioração (Schep, p. 139).

O corpo destruído. Paulo disse: "'Os alimentos foram feitos para o estômago e o estômago para os alimentos,' mas Deus destruirá ambos" (1Co 6.13). A partir desse texto alguns têm argumentado que "o corpo da ressurreição não terá a anatomia ou fisiologia do corpo terreno" (Harris, *Raised immortal*, p. 124). Todavia, essa inferência é infundada.

O estudo do contexto revela que, quando Paulo diz que Deus destruirá tanto os alimentos como o estômago, ele está se referindo ao *processo* da morte, não à *natureza* do corpo ressurreto. Pois ele se refere ao processo de morte pelo qual "Deus destruirá ambos" (v. 13).

Como já foi mencionado, embora o corpo da ressurreição não precise comer necessariamente, ele terá a capacidade de comer. Comer no céu será um prazer sem ser uma necessidade. Jesus comeu pelo menos quatro vezes após ter ressuscitado" (Lc 24.30,42; Jo 21.12; At 1.4). Logo, seu corpo ressurreto era capaz de assimilar comida física. Argumentar que não haverá corpo ressurreto porque o estômago será "destruído" é equivalente a afirmar que o resto do corpo — cabeça, braços, pernas e tronco — não ressurgirão porque a morte também os transformará em pó.

"Carne e sangue" e o Reino. Paulo disse que "carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus" (1Co 15.50). Já no século II, Ireneu afirmou que essa passagem foi usada por hereges para apoiar seu "grande erro" (Irineu, p. 30.13), isto é, que o corpo ressurreto não será um corpo de carne e osso.

A próxima frase de 1 Coríntios 15.50, omitida pelos hereges, demonstra claramente que Paulo não está falando da carne em si, mas de carne corruptível, pois acrescenta: "nem o que é perecível pode herdar o imperecível". Então Paulo não está afirmando que o corpo ressurreto não terá carne; ele não terá carne *perecível*.

Para convencer os discípulos amedrontados de que não era um espírito imaterial (Lc 24.37), Jesus lhes disse enfaticamente que seu corpo ressurreto tinha carne. Declarou: "Vejam as minhas mãos e os meus pés. Sou eu mesmo! Toquem-me e vejam; um espírito não tem carne nem ossos, como voçês estão vendo que eu tenho" (Lc 24.39).

Pedro disse que o corpo ressurreto de Jesus é o mesmo corpo de carne, agora imortal, que entrou no túmulo e jamais se corrompeu (At 2.31). Paulo reafirmou essa verdade em Atos 13.35. E João sugere que é contrário a Cristo negar que ele continua "em *carne*" mesmo após sua ressurreição (1Jo 4.2; 2Jo 7).

Essa conclusão não pode ser evitada quando se afirma que o corpo ressurreto de Jesus tinha carne e osso, mas não carne e sangue. Pois, tendo carne e osso, era um corpo literal e material, com ou sem sangue. Carne e osso enfatiza a solidez do atual corpo físico de Jesus. São sinais mais óbvios de tangibilidade que o sangue, que não pode ser tão facilmente visto ou tocado.

A expressão "carne e sangue" nesse contexto aparentemente significa carne e sangue *mortal*, isto é, um mero ser humano. Isso é apoiado pelos usos paralelos no NT. Quando Jesus disse a Pedro: "isto não lhe foi revelado por carne ou sangue" (Mt 16.17), ele não poderia estar se referindo a meras substâncias do corpo. Certamente estes não poderiam revelar que ele era o Filho de Deus. Mas, como J. A. Schep conclui, "a única interpretação correta e natural [de 1Co 15.50] parece ser que *o homem como é agora, uma criatura frágil, terrena, perecível*, não pode ter um lugar no Reino celestial glorioso de Deus" (Schep, p. 204).

O teólogo Joachim Jeremias observa que a má interpretação desse texto "tem um papel desastroso na teologia do NT nos últimos sessenta anos". Após uma cuidadosa exegese da passagem, ele conclui que frase "carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus" não se refere à ressurreição, mas às mudanças que ocorrerão na vida com a vinda de Cristo (Jeremias, p. 154).

Ressurreição e revivificação. A ressurreição de Jesus foi mais que a revivificação de um cadáver físico, argumentam os que dizem que a ressurreição foi espiritual. Mas isso é insuficiente para negar a natureza física do corpo ressurreto. A ressurreição de Jesus certamente foi mais que uma revivificação, mas não menos que isso. Pessoas revivificadas morrem novamente, mas o corpo ressurreto de Jesus era imortal. Ele conquistou a morte (1Co 15.54,55; Hb 2.14), ao passo que corpos meramente revivificados eventualmente serão conquistados pela morte. Por exemplo, Jesus ressuscitou Lázaro dos mortos (Jo 11), mas Lázaro finalmente morreu de novo. Jesus foi o primeiro a ressuscitar *num corpo imortal*, que jamais morrerá novamente (1Co 15.20). Mas só porque Jesus foi o primeiro a ressuscitar num corpo imortal não significa que este fosse um corpo imaterial. O que aconteceu foi mais que a revivificação de um cadáver, mas não menos que isso.

Não se deve concluir que, porque o corpo ressurreto de Jesus não podia morrer, ele não podia ser visto. O que é imortal não é necessariamente invisível. O universo físico recriado durará para sempre (Ap 21.1-4), mas será visível. Mais uma vez, o corpo ressurreto difere do corpo revivificado não porque é imaterial, mas porque é imortal (1Co 15.42,53).

"Forma diferente" de Jesus. Harris escreveu: "Não podemos eliminar a possibilidade da forma visível de Jesus ter-se alterado de forma misteriosa, retardando o seu reconhecimento". Isso sugere que "a expressão 'apareceu noutra forma' no apêndice de Marcos (Mc 16.12) resume o que ocorreu" (Harris, *From grave to glory*, p. 56). Entretanto, essa conclusão é desnecessária.

Há sérias dúvidas sobre a autenticidade desse texto. Marcos 16.9-20 não é encontrado em alguns dos melhores e mais antigos manuscritos. E na reconstrução dos textos originais a partir de manuscritos existentes, muitos estudiosos acreditam que os textos mais antigos são mais confiáveis.

Mesmo confirmada sua autenticidade, a narração do evento que a passagem resume (cf. Lc 24.13-32) diz simplesmente: "Mas os olhos deles foram impedidos de reconhece-lo" (Lc 24.16). Isso deixa claro que o elemento milagroso não estava no corpo de Jesus, mas *nos olhos dos discípulos* (Lc 24.16,31). O reconhecimento de Jesus foi impedido até que seus olhos fossem abertos. Na melhor das hipóteses trata-se de uma referência obscura e isolada sobre a qual é imprudente basear qualquer declaração doutrinária significativa. Seja o que for que *em noutra forma* signifique, certamente não significa uma forma além de um corpo físico real. Nessa mesma ocasião Jesus comeu comida física (Lc 24.30). Mais tarde, ainda em Lucas 24, ele disse que sua capacidade de comer era prova de que não era um espírito imaterial (v. 38-43).

Uma autoridade em significado do grego do NT diz que *outra forma* significa simplesmente que, assim como Jesus apareceu na forma de um jardineiro para Maria, aqui ele apareceu na forma de um viajante (Friedrich, *Theological dictionary*).

Vivificado "pelo Espírito" (1Pe 3.18). Segundo Pedro, Jesus foi "morto no corpo, mas vivificado selo Espírito". Isso tem sido usado para provar que o corpo ressurreto era "espírito" ou imaterial. No entanto, essa interpretação é desnecessária e incoerente com o contexto dessa passagem e com o restante das Escrituras.

O paralelo entre morte e vivificação normalmente se refere no NT à ressurreição do corpo. Por exemplo, Paulo declarou que "Cristo morreu e voltou a viver" (Rm 14.9) e que "foi crucificado em fraqueza; mas, vive pelo poder de Deus" (2Co 13.4).

Mesmo que *espírito* se refira ao espírito humano de Jesus, não ao Espírito Santo, a frase não pode significar que Jesus não tinha um corpo ressurreto. Fosse esse o caso, a referência a esse "corpo" (carne) antes da ressurreição significaria que ele não tinha espírito humano. Parece melhor considerar *carne* nesse contexto como referência à sua condição de humilhação antes da ressurreição e *espírito* como referência ao seu poder ilimitado e vida imperecível após a ressurreição (Schep, p. 77).

Como anjos na ressurreição. Jesus disse que na ressurreição seremos "como os anjos" (Mt 22.30). Mas os anjos não têm corpos físicos; eles são espíritos (Hb 1.14). Logo, argumenta-se, não teremos corpos ressurretos físicos.

Essa é uma má interpretação da passagem. O contexto não é a natureza do corpo ressurreto, mas se haverá casamento no céu. A resposta de Jesus foi que não haverá casamentos humanos assim como não há casamentos angelicais. Jesus não disse nada aqui sobre ter corpos imateriais. Ele não disse que seríamos como anjos porque os humanos seriam imateriais, mas porque eles serão imortais (cf. Lc 20.36).

Espírito vivificante. Segundo 1Coríntios 15.45, Cristo tornou-se "espírito vivificante" após a ressurreição. Essa passagem é usada para provar que Jesus não tinha corpo ressurreto físico.

Espírito vivificante não se refere à *natureza* do corpo ressurreto, mas à *origem* divina da ressurreição. O corpo físico de Jesus ressuscitou somente pelo poder de Deus (cf. Rm 1.4). Portanto Paulo está falando sobre sua *fonte* espiritual, não sua *substância* física como corpo material.

Se *espírito* descreve a natureza do corpo ressurreto de Cristo, Adão (com quem ele é comparado) não teve uma alma, já que é descrito como formado do "pó da terra" (1Co 15.47). Mas a Bíblia diz claramente que Adão era um "ser [alma] vivente" (Gn 2.7).

O corpo ressurreto de Cristo é chamado de "corpo espiritual" (1Co 15.44). Vimos que Paulo usa essa terminologia para descrever comida material e pedra literal (1Co 10.4). É chamado de "corpo" (*sōma*), que sempre significa um corpo físico no contexto de um ser humano individual (Gundry, p. 168).

O corpo ressurreto é chamado "espiritual" e "espírito vivificante" porque sua fonte é o Reino espiritual, não porque sua substância é imaterial. O corpo ressurreto sobrenatural de Cristo é "do céu", assim como o corpo natural de Adão era "terreno" (1Co 15.47). Mas assim como o "terreno" também tinha uma alma imaterial, o do "céu" tem um corpo material.

O que seremos. 1João 3.2 tem sido usado para argumentar que o corpo ressurreto será diferente de um corpo físico. João disse:

> Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos de como ele é (1Jo 3.2).

Quando João fala que não sabe o que seremos, está se referindo à nossa *posição* no céu, não à *natureza* do corpo ressurreto. Pois ele a está comparando com nossa posição agora como "filhos de Deus", afirmando que não sabe que posição poderemos ter no céu. Ele sabe que seremos como Cristo. Paulo disse a mesma coisa em Filipenses 3.21: Deus usará seu poder, "ele transformará os nossos corpos humilhados, tornando-os semelhantes ao seu corpo [sōma] glorioso" (Fp 3.21).

E em 1João o apóstolo afirma que Jesus agora tem um corpo de "carne" (*sarx*) no céu. "Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne procede de Deus" (1Jo 4.2). O uso do verbo ("veio") indica ação passada com resultados que continuam no presente. Isto é, Jesus veio no passado em carne e ainda está em carne após a ressurreição. O mesmo é afirmado no presente em 2João 7. Jesus está em carne no céu.

Na realidade, Jesus retornará com o mesmo corpo físico que subiu ao céu (At 1.10,11), incluindo as marcas físicas (Ap 1.7).

Confusão com relação ao corpo de Cristo. Há duas áreas comuns de confusão no uso do material bíblico para provar que Jesus não ressuscitou num corpo essencialmente físico. Uma é que os *atributos* do corpo ressurreto são confundidos com suas *atividades*. Nenhuma das passagens claras sobre a natureza física do corpo ressurreto afirma que Jesus deixou de ter um corpo físico em momento algum (Harris, *From grave to glory*, p. 390). Nenhum desses versículos sequer menciona *o que* o corpo ressurreto *é*. A questão é o que ele pode *fazer*. Por exemplo,

pode passar através de objetos sólidos, aparecer repentinamente ou desaparecer repentinamente. Mas o fato do corpo de Jesus poder passar através de um objeto sólido não prova que era imaterial assim como o fato de andar sobre a água não prova que seus pés eram feitos de madeira flutuante.

Outro erro é supor que, pelo fato de algumas passagens falarem que Jesus passou despercebido dos discípulos em certas ocasiões, ele era *invisível* durante esses períodos. Trata-se aqui da confusão entre *percepção* e *realidade*. Tal pressuposto deixa de distinguir *epistemologia* (estudo do que sabemos) da *metafísica* (estudo do que realmente existe). O bom senso nos diz que, mesmo que não possamos ver algo, isso não precisa ser invisível e imaterial. O cume do monte McKinley fica coberto de nuvens na maior parte do tempo, mas mesmo assim é sempre material.

Conclusão. A evidência da ressurreição física é convincente, e nunca é demais ressaltar sua importância para o cristianismo.

O NT foi aprovado nos critérios de credibilidade. Há muitas razões para aceitar a autenticidade dos registros do NT, apesar da suposta desordem (v. NOVO TESTAMENTO, HISTORICIDADE DO). Seis registros das aparições após a ressurreição, Mateus 28; Marcos 16; Lucas 24; João 20, 21; Atos 9; e 1Coríntios 15, descrevem o período de quarenta dias no qual Jesus foi visto vivo por mais de quinhentas pessoas em onze ocasiões. Dado o fato de algumas dessas testemunhas terem visto o túmulo vazio e os lençóis, terem tocado as marcas de Jesus e o terem visto comer, não há dúvida razoável quanto à realidade da sua ressurreição.

Não há base bíblica para crer que Jesus não ressuscitou com o mesmo corpo físico de "carne e sangue" que morreu. Não há indicação no texto do NT de que nossos corpos ou o corpo de Jesus serão menos "físicos" no céu. Como o teólogo Joachim Jeremias disse: "Olhe para a transfiguração do Senhor no monte da transfiguração, e terá a resposta à pergunta de como devemos imaginar o evento da ressurreição" (Jeremias, p. 157). O corpo material de Jesus foi manifesto na sua glória. Semelhantemente, seu corpo ressurreto fará o mesmo.

Nenhum dos argumentos usados para mostrar que Jesus ressuscitou num corpo de tipo diferente, invisível e imaterial é bíblico ou convincente. Certamente, o corpo ressurreto era imperecível e imortal, mas a alegação de que não era visível e material é infundada. Na melhor das hipóteses é uma inferência especulativa de referências isoladas usando interpretações questionáveis. Em geral argumentos contra a ressurreição material são claramente interpretações erradas do texto bíblico. Sempre vão contra a evidência esmagadora de que o corpo ressurreto era o corpo físico de "carne" e "ossos" que Jesus disse que era (em Lc 24.39).

O cristianismo histórico se firma ou cai dependendo da historicidade, tangibilidade e materialidade da ressurreição corporal de Cristo (1Co 15.12s.; Lc 24.37).

Fontes

W. F. ARNDT e F. W. GINGRICH, *A Greek-English lexicon of the New Testament.*
C. BROWN, *Novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento.*
W. CRAIG, *Knowing the truth about the resurrection.*
G. FRIEDRICH, *The theological dictionary of the New Testament.*
N. L. GEISLER, *The battle for the resurrection.*
____, *In defense of the resurrection.*
____ e W. NIX, *Introdução bíblica.*
S. GREENLEAF, *The testimony of the evangelists.*
R. GUNDRY, *Soma in biblical theology with emphasis on pauline anthropology.*
G. HABERMAS, *The resurrection of Jesus: an apologetic.*
____, *Ancient evidence on the life of Jesus.*
M. HARRIS, *From grave to glory.*
____, *Raised immortal.*
E. HATCH e H. REDPATH, *A concordance to the Septuagint and other Greek versions of the Old Testament.*
IRENEU.
J. JEREMIAS, "Flesh and blood cannot inherit the kingdom of God", em *New Testament studies II* (1955-1956).
W. PANNENBERG, *Jesus — God and man.*
F. RIENECKER, *Chave linguística do Novo Testamento grego.*
A. T. ROBERTSON, *Harmony of the Gospels.*
J. A. SCHEP, *The nature of the resurrection body.*
J. WENHAM, *Easter enigma.*

ressurreição, teorias alternativas da. A evidência a favor da ressurreição física sobrenatural de Cristo é muito convincente (v. RESSURREIÇÃO, EVIDÊNCIAS DA, e RESSURREIÇÃO, NATUREZA FÍSICA DA), e as objeções podem ser respondidas de forma adequada (v. RESSURREIÇÃO, OBJEÇÕES À). Explicações alternativas à ressurreição sobrenatural física foram fornecidas, mas um resumo breve demonstrará também que elas falham.

Teorias naturalistas. Em todas as teorias naturalistas, nas quais a suposição é que Jesus morreu e não ressuscitou, duas questões são problemas inevitáveis: Primeira, dado o fato inevitável de que Jesus realmente morreu na cruz (v. CRISTO, MORTE DE; DESMAIO, TEORIA DO), o problema básico com todas as teorias naturalistas é explicar o que aconteceu com o corpo. É necessário explicar por que os registros mais antigos falam

do túmulo vazio ou por que o corpo morto jamais foi encontrado. Segunda, os primeiros discípulos testificaram terem visto o túmulo túmulo vazio e estiveram com Jesus nas semanas após sua morte. Se falsos, por que será que esses relatórios motivaram de tal forma suas ações extraordinárias?

As autoridades removeram o corpo. Uma hipótese propõe que as autoridades romanas ou judaicas levaram o corpo do túmulo para outro lugar, deixando-o vazio. Os discípulos supuseram equivocadamente que Jesus ressuscitara dos mortos.

Se os romanos ou o Sinédrio estavam com o corpo, por que acusaram os discípulos de roubá-lo (Mt 28.11-15)? Tal acusação seria absurda. E se os oponentes do cristianismo tinham o corpo, por que não o exibiram para impedir a história da ressurreição? A reação das autoridades revela que eles não sabiam onde o corpo estava. Eles *resistiram* continuamente ao ensinamento dos apóstolos, mas jamais tentaram refutá-lo.

Essa teoria é contrária à conversão de Tiago e, principalmente, de Saulo. Como um crítico tão severo quanto Saulo de Tarso (cf. At 8, 9) poderia ser ludibriado de tal forma?

Certamente essa teoria não explica as aparições após a ressurreição. Por que Jesus continuou aparecendo para todas essas pessoas com o mesmo corpo marcado que foi colocado no túmulo? Isso também é contrário às conversões de pessoas que se opunham a Jesus. E cria a suposição de que Paulo foi ludibriado quando estava do lado anticristão sem saber que o corpo estava disponível. E foi ludibriado de modo a acreditar na ressurreição.

A hipótese do corpo roubado é um argumento falho baseado na inocência. Não há provas para apoiá-la.

O túmulo jamais foi visitado. Uma teoria é que nos dois meses após a morte de Jesus ele apareceu de alguma forma espiritual aos discípulos, e eles pregaram a ressurreição baseados nisso. Mas ninguém conferiu o túmulo para ver se o corpo de Jesus realmente estava lá. Por que iriam, se já o tinham visto vivo?

Se não podemos acreditar em nada além do que se acha no registro mais antigo nos evangelhos, dificilmente podemos evitar a questão de que o túmulo de Jesus era um lugar movimentado naquela manhã. Se a questão nunca foi levantada, ela certamente ocupou a mente dos autores dos evangelhos. Uma harmonização da ordem dos eventos é encontrada no artigo RESSURREIÇÃO, OBJEÇÕES À. As mulheres que foram terminar os procedimentos de sepultamento (Mc 15.1) viram a pedra rolada e o túmulo vazio. João chegou ao local e viu os lençóis de linho, seguido por Pedro, que entrou no túmulo e viu os lençóis e o lenço (um pano que envolvia a cabeça para manter a boca fechada) ao lado (Jo 20.3-8). Apesar de Paulo não mencionar o túmulo vazio explicitamente, ele o subentende ao falar do sepultamento de Jesus como pré-requisito de sua ressurreiçã (1Co 15.4).

Os guardas certamente fizeram uma busca cuidadosa no túmulo antes de relatar aos líderes judeus que o corpo de Jesus desaparecera (Mt 28.11-15). Suas vidas seriam tiradas se abandonassem seu dever. Esses guardas não teriam de concordar com a história de que os discípulos roubaram o corpo se pudessem dar alguma explicação alternativa razoável. Mas a história dos guardas não explica as aparições após a ressurreição, a transformação dos discípulos ou as conversões em massa de pessoas poucas semanas mais tarde na própria cidade onde tudo acontecera.

As mulheres foram ao túmulo errado. Alguns sugerem que as mulheres foram ao túmulo errado no escuro, viram-no vazio e pensaram que ele ressuscitara. Depois, essa história foi espalhada por elas para os discípulos, o que levou-os a crer na ressurreição de Cristo. Há vários problemas com essa história simplista. Se estava tão escuro, por que Maria Madalena achou que o jardineiro estava trabalhando (Jo 20.15)? Por que Pedro e João cometeram o mesmo erro que as mulheres quando chegaram, mais tarde, à luz do dia (Jo 20.4-6)? Estava claro o suficiente para ver os lençóis e o lenço num túmulo cavernoso e sombrio (v. 7).

Se os discípulos entraram no túmulo errado, as autoridades só precisavam ir ao túmulo correto para lhes mostrar o corpo. Isso teria refutado facilmente todas as alegações de ressurreição.

E, como sucede com outras teorias naturalistas (v. NATURALISMO), esta hipótese não oferece nenhuma explicação para os relatos de aparições de Jesus.

Os discípulos roubaram o corpo. Os guardas espalharam a história de que os discípulos roubaram o corpo durante a noite e o levaram para um local desconhecido. Essa ainda é uma afirmação popular, principalmente nos meios judaicos. Ela explica a história do túmulo vazio e a incapacidade de alguém refutar a afirmação de que Jesus ressuscitou dos mortos.

O roubo de sepulturas não condiz com o que se conhece sobre o caráter moral dos discípulos. Eles eram homens honestos. Ensinaram e viveram segundo os princípios morais mais elevados de honestidade e integridade. Pedro negou especificamente que os apóstolos seguissem fábulas engenhosamente inventadas (2Pe 1.16). Além disso, os discípulos não dão a impressão de ser sutis ou astutos. Se estivessem tentando fazer as predições de Cristo realizar-se, até então ainda não haviam entendido como as profecias se

aplicavam a Jesus. Eles nem mesmo entenderam que ele iria morrer, quanto mais que ressuscitaria (Jo 13.36).

Na cena da sepultura encontramos esses conspiradores confusos e desnorteados, tal como os imaginaríamos se não tivessem a menor idéia do que estava acontecendo. Não sabiam o que pensar quando viram o túmulo vazio (Jo 20.9). Espalharam-se e fugiram com medo de ser presos (Mc 14.50).

Talvez a objeção mais séria seja que a fraude foi absolutamente bem-sucedida. Para isso acontecer os apóstolos tiveram de persistir nessa conspiração até a morte e morrer pelo que sabiam ser falso. As pessoas às vezes morrem pelo que acreditam ser verdadeiro, mas têm pouca motivação para morrer pelo que sabem que é mentira. Parece inacreditável que nenhum discípulo jamais tenha abandonado sua fé na ressurreição de Cristo, apesar do sofrimento e da perseguição (cf. 2Co 11.22-33; Hb 11.32-40). Além de morrer por essa "mentira", os apóstolos colocaram a crença na ressurreição no centro de sua fé (Rm 10.9; 1Co 15.1-5,12-19). Na verdade, esse foi o tema da primeira pregação dos apóstolos (At 2.30,31; 3.15; e 4.10,33).

Isso é contrário às conversões de Tiago e Paulo (Jo 7.5; At 9 e 1Co 15.7). Esses céticos certamente ficariam sabendo do plano, e jamais permaneceriam na fé fundamentada em mentira.

Finalmente, se o corpo foi roubado e ainda está morto, por que continuou aparecendo vivo, tanto para discípulos quanto para outras pessoas? Jesus apareceu corporalmente para Maria, para Tiago (o irmão incrédulo de Jesus) e mais tarde para Paulo, o maior oponente judeu do cristianismo primitivo.

José de Arimatéia levou o corpo. Uma idéia semelhante é que José de Arimatéia roubou o corpo de Jesus. José era um seguidor secreto de Jesus, e Jesus foi enterrado no túmulo dele. Os problemas dessa teoria resumem-se em "Por quê?", "Quando?" e "Onde?".

Por que ele levou o corpo? José realmente não tinha motivo. Não poderia ter impedido os discípulos de roubá-lo, já que era um discípulo (Lc 23.50,51). Se não fosse seguidor de Cristo, poderia ter mostrado o corpo e acabado com toda história.

Quando ele (ou os discípulos) poderia(m) ter levado o corpo? José era um judeu devoto que não profanaria o sábado (v. Lc 23.50-56). À noite, as tochas que carregasse seriam vistas. Um destacamento romano estava de guarda em frente ao túmulo (Mt. 27.62-66). Na manhã seguinte as mulheres chegaram ao alvorecer (Lc 24.1). Simplesmente não houve oportunidade.

Se José o levou, onde o colocou? O corpo jamais foi encontrado, apesar de terem transcorrido dois meses antes de os discípulos começarem a pregar. Era tempo suficiente para expor a fraude. Não há motivo, oportunidade, ou método para apoiar essa teoria, e isso não explica as aparições de Cristo no seu corpo ressurreto.

Mais uma vez, não há explicação melhor que a ressurreição sobrenatural para onze aparições, no decorrer dos quarenta dias subseqüentes, para mais de quinhentas pessoas (v. RESSURREIÇÃO, EVIDÊNCIAS DA). Elas o viram, tocaram, comeram com ele, falaram com ele e foram completamente transformadas do dia para a noite de céticos medrosos e dispersos na maior sociedade missionária do mundo. Grande parte disso aconteceu na mesma cidade em que Jesus foi crucificado.

Aparições foram erro de identificação. Uma teoria naturalista popularizada pelo livro *The Passover plot* [*A conspiração da Páscoa*], de Hugh J. Schonfield, é que as aparições pós-morte, que eram o centro da crença dos discípulos na ressurreição, foram todas casos de erro de identificação. Isso é supostamente comprovado pelo fato de os próprios discípulos acreditarem a princípio que a pessoa que apareceu não era Jesus. Maria pensou ter visto um jardineiro (Jo 20). Os dois discípulos pensaram que ele era um estranho viajando em Jerusalém (Lc 24), e mais tarde pensaram que viram um espírito (Lc 24.38,39). Marcos até admite que a aparição era "noutra forma" (Mc 16.12). Segundo Schonfield, os discípulos confundiram Jesus com pessoas diferentes em ocasiões diferentes (Schonfield, p. 170-3).

Essa teoria está cercada de várias dificuldades. Inicialmente, em nenhuma dessas ocasiões mencionadas os discípulos saíram com dúvidas de que realmente era o mesmo Jesus que conheceram intimamente durante anos que aparecera para eles em forma física. Suas dúvidas só foram iniciais e momentâneas. Ao final da aparição, Jesus os convencera por suas feridas, pela capacidade de comer, pelo toque, pelo seu ensinamento, pela sua voz e/ou por milagres que ele era a mesma pessoa com quem haviam passado mais de três anos (v. RESSURREIÇÃO, EVIDÊNCIAS DA). Schonfield ignora toda essa evidência e tira a dúvida inicial deles, que é um sinal de autenticidade do registro, totalmente fora do contexto.

Em segundo lugar, a hipótese do erro de identificação não explica o túmulo permanentemente vazio. Se os discípulos estivessem vendo pessoas diferentes, os judeus ou os romanos poderiam ir ao túmulo de Jesus e mostrar o corpo para refutar sua reivindicação. Mas não há evidência de que fizeram isso, apesar de terem motivo para querer fazê-lo.

O fato é que ninguém jamais encontrou o corpo. Pelo contrário, os discípulos estavam absolutamente convencidos de que haviam encontrado o mesmo Jesus com o mesmo corpo físico ressurreto que haviam conhecido de perto durante anos.

Terceiro, essa especulação não explica a transformação dos discípulos. Um erro de identificação e um cadáver em decomposição num túmulo não explicam por que discípulos amedrontados, dispersos e céticos foram transformados na maior sociedade missionária do mundo, do dia para a noite, pelo encontro equivocado com vários seres mortais.

Quarto, é bastante improvável que muitas pessoas pudessem ser enganadas em tantas ocasiões. Afinal, Jesus apareceu para mais de quinhentas pessoas em onze ocasiões diferentes durante o período de quarenta dias. É menos milagroso afirmar a ressurreição sobrenatural de Cristo que acreditar que todas essas pessoas, em todas essas ocasiões, foram totalmente enganadas e ao mesmo tempo totalmente transformadas. É mais fácil acreditar na ressurreição.

Finalmente, isso é contrário à conversão de céticos como Tiago e Saulo de Tarso. Como tais críticos seriam enganados?

Deus destruiu (transformou) o corpo. Todas as teorias anteriores são puramente naturalistas. Outro grupo afirma que um tipo de milagre ocorreu, mas não foi o milagre da ressurreição física do corpo de Jesus depois que ele morreu. Pelo contrário, essa alternativa à ressurreição física afirma que Deus destruiu (transformou) o corpo de Jesus para que desaparecesse misteriosa e imediatamente de vista (v. Harris). As aparições posteriores de Cristo foram, segundo alguns, aparições teofânicas e, segundo outros, aparições em que Jesus assumiu forma corporal na qual as feridas que mostrou eram réplicas para convencer outros de sua realidade, mas não de sua materialidade. Essa visão é bem mais sofisticada e menos naturalista. Ela não se classifica como naturalista típica nem liberal. Mas está mais próxima do erro neo-ortodoxo sobre a ressurreição. Muitas seitas, como as Testemunhas de Jeová, defendem essa posição. Mas, como as posições naturalistas, tais posições também estão sujeitas a falhas fatais.

Para evitar o único e simples milagre de Jesus ressuscitando como imortal no mesmo corpo físico em que morreu, as pessoas que buscam uma explicação de corpo espiritual supõem que pelo menos dois milagres aconteceram. Primeiro Deus destruiu ou transformou imediata e misteriosamente o corpo físico em corpo não-físico. Alguns dizem que ele foi transformado em gases que escaparam do túmulo (v. Boyce), outros, que foi vaporizado ou transmutado. Deus também teve de capacitar milagrosamente o Jesus não-físico para que assumisse forma física em ocasiões diferentes pelas quais pudesse convencer os apóstolos de que estava vivo.

Essa hipótese usa dois milagres para evitar um e, no processo, transforma Jesus em enganador. Pois ele disse aos seus discípulos antes e depois da ressurreição que ressuscitaria no mesmo corpo. Ele até deixou o túmulo vazio e os lençóis como evidência, embora não tenha ressuscitado como imortal no corpo que morreu. Ao falar de sua ressurreição, Jesus lhes respondeu: "Destruíam este templo, [corpo físico], e eu *o* [O mesmo corpo físico] levantarei em três dias" (Jo 2.19, grifo do autor). Isso seria uma mentira, a não ser que Jesus tenha ressuscitado com o mesmo corpo físico que morreu. Além disso, depois de sua ressurreição Jesus apresentou as feridas da crucificação para seus discípulos como evidência de que havia realmente ressuscitado no mesmo corpo no qual fora crucificado (cf. Jo 20.27).

> Enquanto falavam sobre isso, o próprio Jesus apresentou-se entre eles e lhes disse: "Paz seja com vocês!" Eles ficaram assustados e com medo, pensando que estavam vendo espírito. Ele disse: "Porque vocês estão perturbados e porque se levantam dúvidas no coração de vocês? Vejam as minhas mãos e os meus pés. Sou eu mesmo! Toquem-me e vejam; um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho (Lc 24.36-39).

Seria fraude oferecer suas feridas como evidência de que realmente havia ressuscitado a não ser que fosse no mesmo corpo crucificado. O propósito dos lençóis no túmulo vazio (Jo 20.6,7; cf. Mc 16.5) era mostrar que o corpo que morreu era o que ressuscitara (cf. Jo 20.8). Se Jesus ressuscitou numa forma espiritual, não há razão para o corpo físico não permanecer no túmulo. Afinal, Deus é capaz de convencer pessoas de sua presença e realidade sem qualquer forma corporal. Ele pode fazer isso com uma voz do céu e outros milagres, como fez em outras ocasiões (cf. Gn 22.1,11; Êx 3.2; Mt 3.17).

Essa visão tornaria falso o testemunho dos apóstolos sobre a ressurreição, já que afirmaram que Jesus ressuscitara dos mortos no mesmo corpo físico em que morreu. Ao falar da *ressurreição*, Pedro disse:

> Prevendo isso, [Davi] falou da ressureição de Cristo, que não foi abandonado no sepulcro e cujo corpo não sofreu decomposição. Deus ressuscitou este Jesus, e todos nós somos testemunhas desse fato (At 2.31,32).

Se isso é verdadeiro, o corpo de Jesus não foi destruído; esse mesmo corpo de "carne" (*sarx*) foi ressuscitado. Foi este Jesus o mesmo que foi crucificado (v. 23) e, à semelhança de Davi, morreu e foi sepultado (v. 29). O apóstolo João mostra a continuidade entre o corpo de carne anterior à ressurreição e o corpo no qual Jesus ressuscitou e que ainda tem à direita do Pai. João escreveu:

> O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam — isto proclamamos a respeito da Palavra da vida (1Jo 1.1).

João disse que "todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne procede de Deus" (1Jo 4.2). O uso do passado, junto com o presente (2Jo 7) em passagens paralelas enfatiza que Jesus ainda estava (agora no céu) na mesma carne em que veio ao mundo. Logo, negar que Jesus ressuscitou no mesmo corpo físico no qual morreu torna Jesus um enganador e seus discípulos, falsos mestres.

Tal idéia é fortemente contrária à interpretação judaica e bíblica da ressurreição, em que o corpo que morreu é o mesmo que sai do túmulo. Jó disse: "Eu sei que o meu Redentor vive, e que no fim se levantará sobre a terra. E depois que o meu corpo estiver destruído e sem carne, verei a Deus" (Jó 19.25,26). Daniel falou de uma ressurreição física do túmulo, dizendo: "Multidões que dormem no pó da terra acordarão: uns para a vida eterna, outros para a vergonha, para o desprezo eterno" (Dn 12.2). Jesus afirmou que o que é ressurreto é o corpo físico que sai do túmulo:

> Não fiquem admirados com isto, pois está chegando a hora em que todos os que estiverem nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão; os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida, e os que fizeram o mal ressuscitarão para serem condenados (Jo 5.28,29).

Paulo falou a crentes de luto sobre a expectativa de ver seus queridos nos seus corpos ressurretos (1Ts 4.13-18), observando que teremos corpos como o de Cristo (Fp 3.21).

Conclusão. Há várias tentativas de evitar a ressurreição física de Cristo. Além da evidência esmagadora da ressurreição física de Cristo no mesmo corpo em que viveu e morreu (v. RESSURREIÇÃO, EVIDÊNCIAS DA), não há fatos que comprovam qualquer uma dessas teorias. Nenhuma delas explica os fatos. A maioria é puramente naturalista, o que é contrário ao fato de que Deus existe (v. COSMOLÓGICO, ARGUMENTO; MORAL DE DEUS, ARGUMENTO; TELEOLÓGICO, ARGUMENTO) e que pode fazer e fez milagres (v. MILAGRE; MILAGRES, ARGUMENTOS CONTRA). Outros admitem algum tipo de intervenção divina misteriosa para explicar o túmulo vazio, mas ao mesmo tempo rebaixam desnecessariamente os registros bíblicos e o caráter de Cristo (v. CRISTO, SINGULARIDADE DE).

Fontes

J. BOICE, *Foundations of the christian faith.*
W. CRAIG, *Knowing the truth about the resurrection.*
N. L. GEISLER, *The battle for the resurrection.*
____, *In defense of the resurrection.*
R. GUNDRY, *Soma in biblical theology with emphasis on pauline anthropology.*
G. HABERMAS, *The resurrection of Jesus: an apologetic.*
M. HARRIS, *From grave to glory.*
G. LADD, *I believe in the resurrection of Jesus.*
J. A. SCHEP, *The nature of the resurrection body.*

ressurreição de Cristo. ***Ordem dos eventos.*** *Histórico.* Os críticos geralmente alegam que o registro dos evangelhos, principalmente no tocante à ressurreição, não é aceitável pelas contradições entre os relatos. Por exemplo, a ordem dos eventos parece ser diferente nos diversos registros. Os evangelhos descrevem Maria como a primeira pessoa que viu Jesus depois da ressurreição, mas 1Coríntios 15.5 diz que Pedro foi o primeiro. Da mesma forma Mateus 28.2 diz que Maria Madalena e a outra Maria foram as primeiras a chegar ao túmulo, enquanto João 20.1descreve apenas Maria Madalena no local.

No entanto, apesar dessas diferenças, o exame minucioso dos registros da ressurreição revela a harmonia oculta. Na verdade, demonstra o tipo de unidade nas diferenças – esperado de testemunhas independentes e confiáveis que não estavam conspirando. Logo, a alegação de que os evangelhos se contradizem é falha por várias razões.

A harmonia dos registros da ressurreição. Há uma ordem geral discernível dos eventos ocorridos após a ressurreição nos registros do NT. Todos os outros eventos se encaixam nessa lista geral da seguinte maneira:

	Mt	Mc	Lc	Jo	At	1Co
1. Maria Madalena		X		X		
2. Maria e mulheres	X	X				
3. Pedro				X		X
4. Dois discípulos		X		X		

5. Dez apóstolos			X	X		
6. Onze apóstolos				X		
7. Sete apóstolos				X		
8. Todos os apóstolos (Grande Comissão)	X	X	X			X
9. Quinhentos irmãos						X
10. Tiago						X
11. Todos os apóstolos (Ascensão)	X				X	
12. Paulo					X	X

Pedro viu o túmulo vazio, não o Cristo.

Outros teólogos (cf. Wenham, p. 139) invertem os números 3 e 4 (mas v. Lc. 24.34) e alguns combinam 8 e 9. Mas isso não afeta a conciliação de todos os dados. De qualquer forma não há contradição comprovada.

Quando vários fatores são observados, não há muita dificuldade em organizar as várias aparições.

Primeiro, porque Paulo quando defende a ressurreição, fornece uma lista oficial que inclui apenas homens (as mulheres na época não podiam testemunhar no tribunal).

Segundo, é compreensível que a aparição a Paulo não esteja nos evangelhos, já que sua narração termina com a ascensão de Cristo e Paulo viu a Cristo anos depois (At. 9.3s.; 1 Co 15.7).

Terceiro, como o propósito de Paulo é provar a ressurreição, é adequado que tenha selecionado a aparição para quinhentas testemunhas, a maioria das quais ainda estava viva quando ele escreveu (c. 55 d.C.)

Quarto, o restante das aparições, como para Tiago (1Co 15.7) e para os dois discípulos no caminho de Emaús (Lc 24.13s.), serve como informação suplementar que não contradiz as outras aparições.

Quinto, até a dificuldade de discernir a ordem exata dos eventos das primeiras aparições às mulheres não é insuperável. A seguinte ordem de eventos parece explicar todos os dados coerentemente:

1. "Maria Madalena" visitou o túmulo de Jesus no domingo de manhã, "estando ainda escuro" (Jo-20.1). (É possível que outra pessoa estivesse com ela, já que diz "sabemos" [Jo 20.2].)
2. Ao ver que a pedra fora rolada (Jo 20.1), ela correu de volta para Pedro e João em Jerusalém e disse: "não sabemos onde o colocaram" (v. 2).
3. Pedro e João correram até o túmulo e viram os lençóis vazios (Jo 20.3-9); depois, os discí pulos [Pedro e João] voltaram para casa" (v. 10). Mas Maria Madalena seguiu Pedro e João para o túmulo.
4. Depois que Pedro e João partiram, Maria Madalena, que permanecera junto ao túmulo, viu dois anjos "onde estivera o corpo de Jesus (Jo 20.12). Então Jesus apareceu a ela(Mc 16.9) e disse que voltasse aos discípulos (Jo 20.14-17).
5. Quando Maria Madalena saía, as outras mulheres chegaram ao túmulo com aromas para embalsamar o corpo de Jesus (Mc 16.1). "Tando começo o primeiro dia da semana" (Mt 28.1). As mulheres do grupo, incluindo a "outra Maria" (Mt 28.1), a mãe de Tiago (Lc 24.10), Salomé (Mc 16.1) e Joana (Lc 24.1,10), também viram a pedra que fora rolada (Mt 28.2; Mc 16.4; Lc 24.2; Jo 20.1). Ao entrar no túmulo, viram "dois homens" (Lc 24.4), um dos quais falou com elas (Mc 16.5) e lhes dis-se para voltar para a Galiléia, onde veriam Jesus (Mt 28.5-7; Mc 16.5-7). Esses dois homens eram na verdade anjos (Jo 20.12).
6. Enquanto Maria Madalena e as mulheres saíam para contar aos discípulos, Jesus aparaceu para elas e lhes disse para irem à Galiléia avisar seus "irmãos" (Mt 28.9,10). Enquanto isso, "os onze discípulos foram para a Galiléia, para o monte que Jesus lhes indicara" (Mt 28, 16; Mc 16.7).
7. Maria Madalena e "as outras" (Lc 24.10) voltaram naquela tarde para os onze e "a todos os outros" (Lc 24.9), agora reunidos na Galiléia a portas trancadas "por medo dos judeus" (Jo 20.19). Maria Madalena disse-lhes que vira o Senhor (v. 18). Mas os discípulos não acreditaram nela (Mc 16.11). E não acreditaram na história das outras mulheres (Lc 24.11).
8. Ao ouvir essa notícia, Pedro levantou-se e correu novamente para o túmulo. Ao ver os lençóis (Lc 24.12), ficou maravilhado. Há diferenças notáveis entre essa visita e sua primeira

visita. Aqui Pedro está sozinho, mas da pri meira vez João estava com ele (Jo 20.3-8). Aqui Pedro fica realmente impressionado; da pri meira vez, apenas João "viu e creu" (Jo 20.8).

Conflito em testemunho independente. O fato de os vários relatos não coincidirem perfeitamente é esperado de testemunhos independentes autênticos. Na verdade, se os registros fossem perfeitamente harmoniosos na superfície, poderíamos suspeitar de conluio. Mas o fato de que os vários eventos e a ordem geral são claros é exatamente o que devemos esperar de um registro confiável (verificado por grandes mentes legais que analisaram os registros dos evangelhos e os comprovaram como tal). Simon GREENLEAF, o famoso advogado de Harvard que escreveu um livro didático sobre evidência legal, converteu-se ao cristianismo devido à análise minuciosa dos testemunhos dos evangelhos do ponto de vista legal. Ele concluiu que "cópias que fossem universalmente recebidas e que influenciassem tanto quanto os quatro evangelhos, seriam recebidas como evidência em qualquer tribunal de justiça, sem a menor hesitação" (Greenleaf, p. 9-10).

Evidência positiva de autenticidade. Há evidência positiva surpreendente de que os registros evangélicos são autênticos. Há um número maior de manuscritos para o NT que para qualquer outro livro do mundo antigo (v. NOVO TESTAMENTO, MANUSCRITOS DO). Na realidade, mesmo considerando os critérios de credibilidade do grande cético David HUME, o NT é aprovado (v. NOVO TESTAMENTO, TESTES DE CREDIBILIDADE DAS TESTEMUNHAS DO). Assim, não há razão para rejeitar a autenticidade dos registros do NT com base na sua suposta desordem. Dado o fato de que há cinco grandes registros das aparições pós-ressurreição de Jesus (Mt 28; Mc 16; Lc 24; Jo 20–21; At 9; 1Co 15), cheios de registros de testemunhas oculares, não há dúvida sobre a realidade da sua ressurreição.

Fontes

W. L. CRAIG, *Knowing the truth about the resurrection.*

N. L. GEISLER, *The battle for the resurrection.*

S. GREENLEAF, *The testimony of the evangelists.*

G. HABERMAS, *Ancient evidence on the life of Jesus.*

A. T. ROBERTSON, *Harmony of the Gospels.*

J. WENHAM, *Easter enigma.*

ressurreição em religiões não-cristãs, alegações de. Alguns críticos da ressurreição de Cristo apelam para reivindicações de que muitos líderes não-cristãos também ressuscitaram dos mortos. Se isso for verdadeiro, a ressurreição de Jesus não seria uma confirmação singular da sua reivindicação de divindade (v. CRISTO, DIVINDADE DE). Especificamente, Robert Price afirma que os vários fenômenos pós-morte encontrados em outras religiões competem com as reivindicações cristãs sobre Cristo (Price, p. 2-3, 14-25). Nesse caso, a ressurreição de Cristo não pode ser usada para apoiar a verdade do cristianismo contra outras religiões (v. PLURALISMO RELIGIOSO; RELIGIÕES MUNDIAIS E CRISTIANISMO).

Apolônio de Tiana. Apolônio de Tiana (m. 98 d.C.) supostamente compete com a reivindicação de Cristo de ser o filho de Deus, e seu biógrafo Filostrato supostamente relatou suas aparições pós-morte. Na verdade, histórias sobre Apolônio classificam-se mais na categoria de apoteose que como relatos de ressurreição. Numa lenda apoteótica, um ser humano é deificado.

Essas afirmações são questionáveis (v. Habermas, "Resurrection Claims"). A biografia termina com a morte de Apolônio. Não há nada sobre ressurreição. O registro pós-morte veio do que Filostrato chamava "contos". São lendas posteriores que foram adicionadas à biografia depois que ela foi escrita. A biografia é a fonte primária da sua vida, junto com outra menor. Não há outra confirmação.

A fonte das histórias de Filostrato é supostamente "Dâmis", que muitos estudiosos acreditam ter sido uma pessoa inexistente usada como artifício literário. Não há outra evidência. A credibilidade de Dâmis fica prejudicada pelo fato de que sua cidade natal é Nínive, cidade que já não existia há 300 anos. O estilo literário também era uma forma popular da época chamada "romance" ou "ficção romântica", que não é para ser entendida literal ou historicamente. O enredo se desenvolve em situações planejadas, envolve animais exóticos e descrições formais de obras de arte; contém discursos longos e dados históricos freqüentemente imprecisos. Mais informação sobre eles é dada no artigo sobre APOLÔNIO DE TIANA.

Também é digno de nota que Filostrato tenha sido comissionado para compor essa biografia por Júlia Domna, esposa do imperador Sétimo Severo, 120 anos depois da morte de Apolônio. Como a benfeitora do autor se tornaria suma sacerdotisa do politeísmo helenista, poderia haver motivação anticristã no acréscimo do final que continha a aparição. As pessoas que escreveram sobre Jesus claramente tinham motivos bem diferentes. Queriam mostrar que ele era o tão esperado Messias, o Salvador do mundo (Jo 20.31).

A suposta aparição pós-morte que Filostrato acrescentada no apêndice foi uma visão no ano 273,

quase dois séculos após a morte de Apolônio, para um homem que dormia. Também foi dito que Apolônio não tinha morrido realmente, mas que, em vez disso, fora deificado. Isso está no contexto do politeísmo grego. Os gregos e os romanos não acreditam na ressurreição no mesmo corpo físico. Eles seguiam o modelo da reencarnação. Os filósofos zombaram do apóstolo Paulo quando proclamou a ressurreição corporal no Areópago (At 17.19, 32). Para os gregos que acreditavam na imortalidade, a salvação envolvia livramento do corpo, não ressurreição no mesmo corpo.

Sabatai Tzvi. Mestre judeu do século XVII que afirmou ser o Messias e foi proclamado como tal por um contemporâneo chamado Natã. Foi relatado muitos anos depois que, após a morte de Tzvi em 1676, seu irmão encontrou o túmulo dele vazio, mas cheio de luz (v. Scholem).

Na verdade, houve duas conjecturas com relação a Tzvi. Muitos dos seus seguidores se recusaram a acreditar que ele realmente morrera, e por isso se recusaram a acreditar que ressuscitara dos mortos. Não importa o que aconteceu com ele, ninguém disse tê-lo visto novamente. Seu desaparecimento, como o de Apolônio, tem características de uma lenda apoteótica. Tais lendas não têm apoio histórico. Se a história de Jesus tivesse se desenvolvido de relatos fragmentados, ela seria rejeitada por qualquer acadêmico confiável. O papel de Natã é contraditório. Uma carta relata que Natã ensinava que Tzvi não morrera. Outra fonte relata que Natã morrera um mês antes de Tzvi, e que na verdade jamais se conheceram (Habermas, "Resurrection Claims", p. 175).

Rabino Judá. Rabino Judá foi um personagem importante do judaísmo que esteve envolvido na conclusão da *Mixná*, por volta de 200 d.C. Segundo o *Talmude*, depois que o rabino Judá morreu, "costumava voltar para casa no crepúsculo toda véspera de sábado". Supostamente, quando um vizinho se aproximou da porta do rabino para cumprimentá-lo, foi afugentado pela empregada. Quando o rabino ouviu isso, parou de vir, para não tirar a atenção de outras pessoas boas que voltaram para casa depois da morte (*Talmude*, 3.12.103*a*).

Apesar de o rabino ter morrido em 220, a primeira referência a essas aparições surgiu no século V ("Resurrection Claims", p. 173). Esse período é grande demais para oferecer credibilidade. Nenhum estudioso reconhecido aceitaria as reivindicações sobre Jesus se viessem de uma testemunha dois séculos depois de sua morte. Além disso, o testemunho é muito limitado. Há apenas uma testemunha do evento — a empregada. E não há nenhuma tentativa de dar comprovação. A única testemunha que poderia oferecer comprovação era o vizinho, que foi afugentado.

A interrupção abrupta das aparições gera dúvidas sobre se ele realmente apareceu. A razão dada para ele não retornar parece pouco convincente. Nenhuma evidência de um túmulo vazio ou de uma aparição física foi apresentada. No máximo parece que apenas uma pessoa interessada teve algum tipo de experiência subjetiva com relação a uma pessoa que, sem dúvida, estimava muito. Se isso aconteceu, esse evento parece mais o candidato a uma explicação psicológica que sobrenatural.

Kabir. Kabir foi um líder religioso do século XV que combinou práticas das religiões islâmica e hindu (v. HINDUÍSMO). Após sua morte em 1518, seus seguidores dividiram-se quanto à decisão de cremar seu corpo, que os hindus apóiam e os muçulmanos rejeitam. O próprio Kabir supostamente apareceu para fazer cessar a controvérsia. Quando os levou a tirar o lençol colocado sobre seu corpo, descobriram que só havia flores ali. Seus seguidores hindus queimaram metade das flores, e os muçulmanos enterraram a outra metade.

Pouco ou nada sobreviveu dos contemporâneos de Kabir. É possível que alguns de seus ensinamentos tenham sido escritos cerca de 50 anos após sua morte, mas eles não contêm nada sobre uma ressurreição (Archer, p. 50-53).

Há evidência de um número crescente de lendas que se desenvolveram entre seus seguidores. Elas incluem o nascimento milagroso, os milagres realizados durante sua vida e as aparições aos seus discípulos após sua morte. Como Habermas menciona:

ressurreição de Cristo	ressurreição não-cristã
vários testemunhos confiáveis	nenhuma testemunha confiável
vários registros contemporâneos	nenhum registro contemporâneo
evidência física abundante	nenhuma evidência física
reinvidicações de divindade são apresentadas	apenas algumas reinvidicações de deificação
outros milagres comprobatórios	nenhum milagre comprobatório

"Foi descoberto que esse é um processo esperado e muito natural na formação da lenda indiana" ("Resurrection Claims", p. 174).

Como a ressurreição no mesmo corpo físico é contrária à crença hindu em transmigração da alma para

outro corpo, é improvável que seus seguidores hindus, dedicados às práticas hindus, tivessem acreditado que seu líder ressuscitou corporalmente dos mortos.

A pouca evidência sugere um plano tramado para pacificar ambos os grupos de seguidores e manter o movimento unido. Parece um plano inteligente para satisfazer ambas as práticas religiosas de enterro sem ofender nenhuma delas.

Conclusão. Não há comparação real entre essas histórias e os registros da ressurreição de Cristo. As ressurreições não-cristãs colocam em alto relevo a qualidade bíblica da verdade. Considere as diferenças significativas na maioria dos casos, se não em todos:

"Afirmações não-cristãs de ressurreição não foram provadas por evidência", observa Habermas.

> Qualquer das várias hipóteses naturalistas certamente é possível e, em alguns casos, uma ou mais pode ser especificamente postulada como causa provável [...] Simplesmente relatar um milagre não é suficiente para comprová-lo, principalmente se esse milagre for usado para apoiar um sistema religioso (ibid., p. 177).

Fontes

J. C. Archer, *The sikhs*.
S. A. Cook, *The Cambridge ancient history*.
J. Ferguson, *Religions of the Roman empire*.
G. Habermas, *Ancient evidence for the life of Jesus*.
____, "Did Jesus perform miracles?", em M. Wilkins, org., *Jesus under fire*.
____, "Resurrection claims in non-christian religions", *Religious Studies* 25 (1989).
L. McKenzie, *Pagan resurrection myths and the resurrection of Jesus*.
R. Price, "Is there a place for historical criticism?", em *Christianity challenges the university*.
G. Scholem, *Sabatai Tzvi: O Messias místico*.
I. Slotki, org., *The Babylonian Talmud*.

revelação especial. A *revelação especial* (v. Bíblia, evidências da) é a revelação de Deus na sua Palavra (Escrituras), em contraste com a revelação de Deus no mundo (v. revelação geral). Originariamente a revelação especial pode ter sido dada oralmente ou de alguma outra maneira (cf. Hb 1.1), mas foi mais tarde escrita e agora é encontrada apenas na palavra escrita de Deus, a Bíblia (2Tm 3.16,17).

A revelação especial de Deus foi confirmada por milagres (v. milagre; milagres, valor apologético dos; milagres na Bíblia). Foi assim que o cânon das Escrituras foi determinado (v. apócrifo do Antigo e Novo Testamentos; Bíblia, canonicidade da).

revelação geral. A *revelação geral* refere-se à revelação de Deus na natureza, ao contrário da sua revelação nas Escrituras (v. natural, teologia). Mais especificamente, a revelação geral é manifesta na natureza física, na natureza humana e na história. Em cada caso Deus revelou algo específico sobre si mesmo e sobre a relação que mantém com sua criação. A revelação geral é importante para a apologética cristã, já que apresenta os dados com os quais o teísta constrói argumentos a favor da existência de Deus (v. cosmológico, argumento; teleológico, argumento). Sem ela não haveria base para a apologética (v. clássica, apologética).

A revelação de Deus na natureza. "Os céus declaram a glória de Deus; o firmamento a obra das suas mãos" (Sl 19.1), escreveu o salmista. "Os céus a sua justiça, e todos os povos contemplam a sua glória" (Sl 97.6). Jó acrescentou: Pergunte, porém, aos animais, e eles o ensinarão, ou às aves do céu, elas lhe contarão; fale com a terra, e ela o instruirá, deixe que os peixes do mar o informem. Quem de todos eles ignora que a mão do Senhor fez isso?

Paulo falou sobre o Deus vivo que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há. No passado permitiu que todas as nações seguissem os seus próprios caminhos. Contudo, Deus não ficou sem testemunho: mostrou sua bondade dando-lhe chuva do céu e colheitas no tempo certo, concedendo-lhes sustento com fartura e um coração cheio de alegria (At 14.15-17).

Ele lembrou aos filósofos gregos que O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor dos céus e da terra, e não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo, por que ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas (At 17.24,25).

Paulo instruiu os romanos afirmando que até os pagãos são culpados perante Deus, pois o que de Deus pode conhecer é manifesto entre eles, por que Deus lhe manifestou. Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis (Rm 1.19,20).

À luz disso o salmista concluiu: "Diz o tolo em seu coração: 'Deus não existe" (Sl 14.1).

Deus é revelado na natureza de duas formas básicas: como *Criador* e *Sustentador* (v. criação e origens; origens, ciência das). Ele é a causa da *origem* e da *operação* do universo. A primeira forma mostra Deus como originador de todas as coisas. Todas as coisas foram criadas por meio dele" e "Nele, tudo *subsiste*" (Cl1.16,17); Deus "*fez* o universo", "*sustentando* todas as coisas por sua palavra

poderosa" (Hb 1.2,3); "criaste todas as coisas" e "por tua vontade elas existem e foram criadas" (Ap 4.11).

Além de *Originador*, Deus também é o *Sustentador* de todas as coisas. Ele é ativo não só porque por meio dele o universo *veio a existir*, mas também por ele *continuar a existir*. O salmista referiu-se a essa segunda função quando disse sobre Deus: "Fazer jorrar as nascentes nos vales [...] faz crescer o pasto para o gado, e as plantas que o homem cultiva, para da terra tirar o alimento" (Sl 104.10,14).

A revelação de Deus na natureza humana. Deus criou os seres humanos à sua imagem e semelhança (Gn 1.27). Algo sobre Deus, portanto, pode ser aprendido pelo estudo dos seres humanos (cf. Sl 8). Como os seres humanos são semelhantes a Deus, é errado assassiná-los (Gn 9.6) ou amaldiçoá-los (Tg 3.9). O ser humano redimido "está sendo renovado em conhecimento, à imagem do seu Criador" (Cl 3.10). Paulo afirmou que Deus criou:

> De um só fez ele todos os povos, para que povoassem toda a terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e os lugares exatos em que deveriam habitar. Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós. Pois nele vivemos, nos movemos e existimos", como disseram alguns dos poetas de vocês: "Também somos descendência dele". Assim, visto que somos descendência de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante a uma escultura de ouro, prata ou pedra, feita pela arte e imaginação do homem (At 17.26-29).

Ao olhar para a criatura podemos aprender algo sobre o Criador (v. ANALOGIA, PRINCÍPIO DA). Porque: Será que quem fez o ouvido não ouve? Será que quem formou o olho não vê? Aquele que disciplina as nações os deixará sem castigo? Não tem sabedoria aquele que dá ao homem o conhecimento? (Sl 94.9,10).

Até Cristo, enquanto viveu na carne, foi considerado imagem do Deus invisível (Jo 1.14; Hb 1.3).

Deus é manifesto não só na natureza intelectual dos seres humanos, mas também na sua natureza moral (v. MORALIDADE, NATUREZA ABSOLUTA DA). A lei moral de Deus está escrita nos corações humanos. Pois quando Os gentios que não têm a lei, praticam naturalmente o que ela ordena, tornam-se lei para si mesmos, embora não possuam a lei; pois mostram que as exigências da lei estão gravadas em seu coração. Disso dão testemunho também a sua consciência e os pensamentos deles (Rm 2.14,15).

Como a responsabilidade moral implica a capacidade de responder, o homem à imagem de Deus também é uma criatura moral livre (Gn 1.27; cf. 2.16,17).

A revelação de Deus na história humana. A história é o conjunto as pegadas de Deus na areia do tempo. Paulo declarou que Deus "tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e os lugares exatos em que deveriam habitar" (At 17.26). Deus revelou para Daniel que "o Altíssimo domina sobre o sreinados dos homens e os dá a quem quer, e põe no poder o mais simples dos homens" (Dn 4.17). Deus também revelou a Daniel que a história humana está indo rumo ao objetivo final do Reino de Deus na terra (Dn 2,7). Assim, um entendimento adequado da história nos informa sobre o plano e o propósito de Deus.

Deus é revelado na arte humana. A Bíblia declara que Deus é belo, e sua criação também é. O salmista escreveu: "Senhor, Senhor nosso, como é majestosos o teu nome em toda a terra!" (Sl 8.1). Isaías contemplou uma demonstração maravilhosa da beleza de Deus e disse: "vi o SENHOR assentado num trono alto e exaltado, e a aba de sua veste enchia o templo" (Is 6.1). As Escrituras nos incentivam: "Adorem o Senhor no esplendor do seu santuário" (Sl 29.2; cf. 27.4).

Salomão disse: "Ele fez tudo apropriado ao seu tempo" (Ec 3.11). O salmista fala da sua cidade de Sião como perfeita em beleza (Sl 50.2).

O que Deus criou é bom como ele é (Gn 1.31; 1Tm 4.4), e a bondade de Deus é bela. Portanto, pelo fato da criação refletir Deus, ela também é bela. Além de Deus ser belo e ter feito um mundo belo, criou seres que podem apreciar a beleza. Como Deus, eles também podem fazer coisas belas. Os seres humanos são, de certa forma "subcriadores". Deus dota certos seres humanos com dons criativos que revelam algo de sua natureza maravilhosa.

Deus é revelado na música. Deus aparentemente ama a música, pois orquestrou o coral angélico na criação quando "as estrelas matutinas juntas cantavam e todos os anjos se regozijavam" (Jó 38.7). Os anjos também cantam continuamente o *tersanctus* na sua presença: "Santo, santo, santo" (Is 6.3; Ap 4.8). Além disso, anjos se reúnem ao redor do trono de Deus, "cantavam em alta voz: Digno é o Cordeiro que foi morto" (Ap 5.12).

A irmã de Moisés, Miriã, liderou os israelitas triunfantes em cântico, depois que Deus os livrou através do Mar Vermelho (Êx 15). Davi, o "salmista amado de Israel", montou um coral para o templo e escreveu muitas canções (salmos) para serem cantadas nele. Paulo admoestou a igreja: "falando entre si com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando de coração ao Senhor com" (Ef 5.19).

Aprendemos algo mais sobre a natureza de Deus por meio da voz humana, um instrumento de música

criado por Deus. Até o sumo sacerdote judeu entrava no lugar Santo com sinos em suas vestes. E o salmista ordenou que Deus fosse louvado com trombeta, harpa, lira, tamborim e címbalos (Sl 150.3-5). No céu alguns anjos tocam trombetas (Ap 8.2) e outros tocam harpas (Ap 14.2). A música também é dom e manifestação de Deus. Como o restante de sua criação, é uma manifestação de sua glória.

Assim, mesmo sem a revelação especial de Deus nas Escrituras, ele se manifesta na revelação geral na natureza.

Revelação geral e especial. Embora a Bíblia seja a única revelação escrita de Deus (v. BÍBLIA, EVIDÊNCIAS DA), ela não é a única revelação de Deus. Deus tem mais a dizer para nós do que está na Bíblia. Sua revelação geral na natureza, no homem, na história, na arte e na música oferece vastas oportunidades de exploração contínua. A seguinte tabela resume essa relação:

Revelação especial	Revelação geral
Deus como Redentor	Deus como Criador
norma para a igreja	norma para a sociedade
meio de salvação	meio de condenação

O papel da revelação especial. A revelação especial contribui especificamente para a teologia cristã. Só a Bíblia é infalível e inerrante (v. BÍBLIA, SUPOSTOS ERROS NA). Além disso, a Bíblia é a única fonte da revelação de Deus como Redentor, bem como de seu plano de salvação. Assim, as Escrituras são normativas para todos (v. REVELAÇÃO ESPECIAL).

Só a Bíblia é infalível e inerrante. A Bíblia é normativa para todo ensinamento cristão. É a revelação de Cristo (Mt. 5.17; Lc 24.27,44; Jo 5.39; Hb 10.7). A tarefa do cristão, então, é levar "cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo" (2Co 10.5) como revelado nas Escrituras. Devemos centralizar nossos pensamentos e também nossas vidas em Cristo (Gl 2.20; Fp 1.21).

Só a Bíblia revela Deus como Redentor. Embora a revelação geral manifeste Deus como Criador, ela não o revela como Redentor. O universo narra a grandeza de Deus (Sl 8.1; Is 40.12-17), mas apenas a revelação especial revela sua graça redentora (Jo 1.14). Os céus proclamam a glória de Deus (Sl 19.1), mas apenas Cristo declarou sua graça salvadora (Tt 2.11-13).

Só a Bíblia tem a mensagem da salvação. À luz da revelação geral todos são "indesculpáveis" (Rm 1.20). Pois "Todo aquele que pecar sem a Lei [escrita], sem a lei também perecerá" (Rm 2.12). A revelação geral é a base suficiente para a condenação. Não é, no entanto, suficiente para a salvação. Pode-se explicar como o céu se move pelo estudo da revelação geral, mas não como ir ao céu (v. PAGÃOS, SALVAÇÃO DOS). "pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado homens, pelo qual devamos ser salvos" (At 4.12). Para ser salvo, é preciso confessar que "Jesus é Senhor" e acreditar que Deus o ressuscitou dos mortos (Rm 10.9). Mas não se pode confessar alguém sobre quem nunca se ouviu falar: "E como ouvirão, se não houver quem pregue?" (Rm 10.14). Logo, a pregação do evangelho em todo o mundo é a grande comissão do cristão (Mt 28.18-20).

A Bíblia é a norma escrita. Sem a verdade das Escrituras não haveria igreja, pois ela está edificada "sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (Ef 2.20). A Palavra revelada de Deus é a norma de fé e conduta. Paulo disse: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça" (2Tm 3.16). No entanto, nem todos os incrédulos têm acesso à Bíblia. Ainda assim, são indesculpáveis por causa da revelação geral. Pois "todo aquele que pecar sema lei [escrita], sem a lei também perecerá", já que têm uma lei nos seus corações (Rm 2.12,15).

O papel da revelação geral. Ainda que a Bíblia seja toda verdadeira, Deus não revelou toda verdade na Bíblia. Embora só a Bíblia seja a verdade, ela não é a única verdade. Toda verdade é verdade de Deus, mas toda a verdade de Deus não está na Bíblia (v. VERDADE, NATUREZA DA). Portanto, a revelação geral desempenha papel importante no plano de Deus, executando por isso várias funções singulares.

A revelação geral é mais ampla que a especial. A revelação geral abrange muito mais que a revelação especial. A maioria das verdades da ciência, história, matemática e artes não está na Bíblia. Grande parte da verdade em todas essas áreas é encontrada apenas na revelação geral de Deus. Apesar de a Bíblia ser cientificamente precisa, ela não é um livro de ciências. A ordem de fazer ciência não é uma ordem redentora; é uma ordem da criação. Logo depois de criar Adão, Deus ordenou: "Encham e subjuguem a terra!" (Gn1.28). Da mesma forma, não há erros matemáticos na Palavra inerrante de Deus, mas também há pouca geometria ou álgebra e não há cálculo nela (v. CIÊNCIA E A BÍBLIA). Semelhantemente, a Bíblia registra precisamente grande parte da história de Israel, mas fala pouco sobre a história do mundo, exceto com relação a Israel. O mesmo é verdadeiro com relação a todas as áreas das artes e ciência. Sempre que a Bíblia fala nessas áreas, fala com autoridade, mas Deus deixou as descobertas de suas verdades nessas áreas para um estudo da revelação geral.

A revelação geral é essencial para a razão humana. Nem o incrédulo pensa sem a revelação geral de Deus na razão humana (v. FÉ E RAZÃO). Deus é um ser racional, e a humanidade foi feita à sua imagem (Gn 1.27). Assim como Deus pensa racionalmente, os seres humanos receberam essa capacidade. As feras, em comparação, são chamadas de "animais irracionais" (Jd 10). Na verdade, o uso mais elevado da razão humana é amar a Deus "de todo o seu entendimento" (Mt 22.37).

As leis básicas da razão humana são comuns a crentes e incrédulos (v. LÓGICA; PRIMEIROS PRINCÍPIOS). Sem elas, nenhuma escrita, pensamento ou inferência racional seria possível. Mas essas leis do pensamento não são explicadas na Bíblia. Pelo contrário, são parte da revelação geral de Deus e objeto especial do pensamento filosófico.

A revelação geral é essencial ao governo. Deus ordenou que os crentes vivam segundo sua lei escrita, mas escreveu sua lei nos corações dos incrédulos (Rm 2.12-15). A lei divina nas Escrituras é a norma para os cristãos, mas a lei natural é obrigatória para todos. Em nenhuma parte das Escrituras Deus julga as nações pela lei de Moisés dada a Israel (Êx 19,20) ou pela lei de Cristo dada aos cristãos. Pensar de outra forma é o principal erro dos teonomistas. Por exemplo, em nenhum momento as nações não-judaicas são condenadas no AT por não observar o sábado ou não sacrificar um cordeiro. Estrangeiros e viajantes em Israel eram, é claro, obrigados a respeitar as leis civis e morais de Israel enquanto estivessem no país. Mas isso não significa que estivessem sob a lei judaica, assim como os cristãos não estão sob a lei alcorânica pelo fato de deverem respeitá-la quando estão em países muçulmanos.

A lei de Moisés não foi dada aos gentios. Paulo disse claramente: "os gentios, que não têm a lei" (Rm 2.14). O salmista disse: "Ele revela a sua palavra a Jacó, os seus decretos e ordenanças Israel. Ele não fez isso a nenhuma outra nação; todas as outras desconhecem as suas ordenanças" (Sl 147.19,20). Isso é confirmado pelo fato de que, apesar das várias condenações contra os pecados dos gentios no NT, eles jamais foram condenados por não adorar no sábado ou não fazer peregrinações nem trazer o dízimo a Jerusalém. Isso não significa que não haja lei de Deus para incrédulos; eles estão comprometidos pela leis "gravadas em seu coração" (Rm 2.12-15). Apesar de não terem a revelação especial nas Sagradas Escrituras, são responsáveis em relação à revelação geral na natureza humana.

A revelação geral é essencial para a apologética. Sem a revelação geral não haveria base para a apologética cristã (v. CLÁSSICA, APOLOGÉTICA). Pois, se Deus não tivesse se revelado na natureza, não haveria maneira de argumentar com base no planejamento nela evidente a favor da existência do Criador, o que é conhecido por ARGUMENTO TELEOLÓGICO: E não haveria maneira de argumentar com base no princípio ou contingência do mundo a favor da existência da Primeira Causa, o que é conhecido por argumento cosmológico. Da mesma forma, se Deus não tivesse se revelado na natureza moral dos seres humanos, não seria possível argumentar a favor do Legislador Moral (v. MORAL DE DEUS, ARGUMENTO). E, é claro, sem o Deus que pudesse agir na criação do mundo, não haveria nenhum ato especial de Deus (milagre) no mundo (v. MILAGRE).

Interação entre revelações. Como é tarefa do pensador sistemático organizar toda verdade sobre Deus e seus relacionamentos com sua criação, tanto a revelação geral quanto a especial são necessárias. No entanto, como a revelação especial se sobrepõe à geral, é necessário discutir a interação entre revelação geral e especial. Deus se revelou sua Palavra e em seu mundo. Sua verdade é encontrada tanto nas Escrituras como na ciência. O problema surge quando essas duas áreas parecem entrar em conflito. É simplista demais concluir que a Bíblia sempre está certa e a ciência errada.

Ao lidar com conflitos entre cristianismo e cultura, precisamos ter o cuidado de distinguir a *Palavra de Deus*, que é infalível, de *nossa interpretação*, que não é infalível. Devemos também distinguir a *revelação de Deus* no mundo, que é sempre verdadeira, do *conhecimento* atual dele, que nem sempre é correto e é suscetível a mudanças. No passado, os cristãos freqüentemente deixaram de reivindicar a verdade bíblica e deram lugar a teorias científicas que já estão ultrapassadas.

Duas coisas importantes resultam dessas distinções. Primeira, as revelações de Deus na Palavra e no mundo jamais se contradizem. Deus é coerente. Segunda, sempre que há um conflito real, é entre a interpretação humana da Palavra de Deus e o conhecimento humano do mundo. Um deles ou ambos estão errados, mas Deus não errou.

O que tem prioridade? Quando conflitos na compreensão das revelações geral e especial ocorrem, o que tem prioridade? A tentação pode ser de dar precedência à interpretação bíblica porque a Bíblia é infalível, mas isso ignora a distinção crucial que acabou de ser feita. A Bíblia é inerrante, mas sua interpretação é suscetível a erro. A história da interpretação revela que a Palavra infalível de Deus é tão capaz de ser mal-entendida como qualquer outra coisa, incluindo a arte e a ciência.

Isso não deixa a pessoa num impasse. Sempre que há um conflito entre uma interpretação da Bíblia e um conhecimento atual da revelação geral de Deus, a prioridade geralmente deve ser dada à interpretação que parece mais garantida. Às vezes é nosso conhecimento da revelação especial, e às vezes é nosso conhecimento da revelação geral, dependendo de qual é mais completamente comprovado. Alguns exemplos ajudarão a esclarecer essa questão.

Alguns intérpretes concluíram equivocadamente com base em referências bíblicas aos "quatro cantos da terra" (Ap 7.1) que a terra era achatada. A ciência, no entanto, provou com *certeza* que isso é errado. Portanto, nesse caso a certeza na interpretação da revelação geral de Deus tem precedência sobre qualquer incerteza que possa haver na interpretação dessas referências bíblicas. "Quatro cantos" pode ser visto como linguagem figurada.

Outros afirmaram que o Sol gira em torno da Terra com base em referências bíblicas ao "nascer do sol" (Js 1.15) ou ao sol que "parou" (Js 10.13). Mas essa interpretação não é necessária. Pode ser apenas a linguagem da aparência do ponto de vista do observador na face da terra (v. CIÊNCIA E A BÍBLIA). Além disso, desde Copérnico há boas razões para crer que o Sol não gira em torno da Terra. Logo, damos maior *probabilidade* à interpretação heliocêntrica do mundo de Deus atualmente que à interpretação geocêntrica da sua Palavra.

Infelizmente, alguns estão dispostos a acreditar em determinada interpretação da Palavra de Deus, mesmo que isso envolva uma contradição lógica. Mas a revelação geral determina (por meio da lei de não-contradição) que opostos não podem ser verdadeiros (v. PRIMEIROS PRINCÍPIOS). Logo, não podemos acreditar que Deus seja uma pessoa e também três pessoas ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Portanto, o monoteísmo como tal e o trinitarismo (v. TRINDADE) não podem ser verdadeiros. Podemos crer, e cremos, que Deus é três pessoas numa essência. Pois, embora isso seja um mistério, não é uma contradição. Assim, podemos ter *certeza absoluta* de que qualquer interpretação das Escrituras que envolva uma contradição é falsa. Mas há casos em que a interpretação das Escrituras deve ter preferência até mesmo sobre teorias extremamente populares da ciência.

A macroevolução é um bom exemplo disso (v. EVOLUÇÃO BIOLÓGICA; EVOLUÇÃO QUÍMICA). É *praticamente certo* que a Bíblia não pode ser interpretada adequadamente de modo a acomodar a macroevolução (v. Geisler). A Bíblia ensina que Deus criou o universo do nada (Gn 1.1), que criou todos os tipos básicos de animais e plantas (Gn 1.21), e que criou especial e diretamente o homem e a mulher à sua imagem (Gn 1.27). Logo, apesar das teorias predominantes e populares (mas não altamente prováveis) da evolução, o cristão deve dar prioridade a essa interpretação altamente provável das Escrituras sobre a teoria improvável da macro evolução.

Enriquecimento mútuo. Geralmente não há conflito sério entre a interpretação bíblica amplamente aceita e o conhecimento geral do mundo científico; antes, há enriquecimento mútuo. Por exemplo, o conhecimento do conteúdo da Bíblia é essencial para grande parte da arte e literatura ocidental. Além disso, a história bíblica e a história mundial se sobrepõem significativamente, de forma que uma não pode ignorar a outra. A conexão entre a ciência moderna e a idéia bíblica da criação é mais negligenciada. Com respeito a isso é importante observar que o conceito bíblico da criação auxiliou o desenvolvimento da ciência moderna. É claro que, no estudo das origens, há uma sobreposição direta e um enriquecimento mútuo dos dados científicos e bíblicos.

Conclusão. A Bíblia é essencial para o pensamento sistemático e para a apologética. É o único livro infalível que temos. Ele fala com autoridade inerrante sobre todo assunto que aborda, seja espiritual ou científico, seja celestial ou terreno. Mas a Bíblia não é a única revelação de Deus à humanidade. Deus falou no mundo assim como na Palavra. É tarefa do pensador cristão adequar a informação de ambos e formar a COSMOVISÃO que inclua a interpretação teocêntrica da ciência, da história, dos seres humanos e das artes. No entanto, sem a revelação de Deus (tanto geral quanto especial) como base, essa tarefa é tão impossível quanto mover o mundo sem um ponto de apoio.

Na teologia, a interação entre disciplinas bíblicas e outras disciplinas deve ser sempre uma via dupla. Nenhuma delas faz monólogo para as outras; todas participam no diálogo contínuo. Apesar de a Bíblia ser infalível em tudo que aborda, ela não fala sobre todos os assuntos. E ainda que a Bíblia seja infalível, nossas interpretações dela não são. Logo, as pessoas que estudam a Bíblia devem atentar bem para outras disciplinas e dialogar com elas, para que uma visão sistemática completa e correta possa ser construída.

Fontes

G. C. BERKOUWER, *General revelation.*

E. BRUNNER, *Revelation and reason.*

J. BUTLER, *The analogy of religion.*

J. CALVINO, *Institutas da religião cristã.*

B. DEMAREST, *General revelation.*

N. L. GEISLER, "God's revelation in scripture and nature", em D. BECK, org., *The opening of the American mind.*
___, *Origin science.*
C. HODGE, *Teologia sistemática*
J. LOCKE, *The reasonableness of christianity.*
W. PALEY, *Natural theology.*
TOMÁS DE AQUINO, *Suma teológica.*

revelação progressiva. V. PROGRESSIVA, REVELAÇÃO.

revelacional, pressuposicionalismo. V. VAN TIL, CORNELIUS; PRESSUPOSICIONAL, APOLOGÉTICA.

Russell, Bertrand. Nasceu em Ravenscroft, Inglaterra (1872-1970). Seus pais eram livres-pensadores e amigos de John Stuart MILL. Depois da morte de seus pais, foi criado por avós austeros que passaram de presbiterianos a unitaristas. Começou questionando a imortalidade da alma já aos quatorze anos e abandonou sua crença em Deus aos dezoito (em 1890), depois de ler a *Autobiografia* de Mill.

Estudou filosofia em Cambridge, onde mais tarde lecionou na Faculdade Trinity, da qual foi posteriormente demitido por seu ativismo pacifista (1916). Disse: "Quando a guerra começou me senti como se tivesse ouvido a voz de Deus. Sabia que era meu dever protestar". Russell deu palestras nos Estados Unidos várias vezes (1896, 1927, 1929, 1931, 1938s.). Casou-se e divorciou-se várias vezes, passou seis meses na prisão por atividades antigovernamentais (1918), onde escreveu (*Introdução à filosofia da matemática*), e em 1940 foi julgado moralmente incompetente para lecionar em Nova York. Todavia, Russell finalmente recebeu um Prêmio Nobel de Literatura (em 1950) por defender a liberdade de pensamento.

As obras de Russell são volumosas, incluindo literatura de toda espécie, desde a co-autoria do pesado *Principia mathematica* [*Princípios da matemática*] (1910) com Alfred North WHITEHEAD até seu mais popular *Por que não sou cristão* (baseado numa série de palestras de 1927). Outras obras incluem *A critical exposition of the philosophy of* LEIBNIZ [*Exposição crítica da filosofia de Leibniz*] (1900), *Free man's worship* [*A adoração do homem livre*] (1903), *The essence of religion* [*A essência da religião*] (1912), *Religion and science* [*Religião e ciência*] (1935), *The existence of God debate* [*O debate sobre a existência de Deus*], com o padre Copleston (1948), *What is an agnostic?* [*O que é um agnóstico?*] (entrevista de 1953), e *Can religion cure our troubles?* [*Pode a religião curar nossos problemas?*] baseado nos artigos de 1954). Suas primeiras obras sobre filosofia expressam um atomismo lingüístico. Foi mentor de Ludwig WITTGENSTEIN, para cujo *Tractatus* escreveu a introdução, e reconheceu a influência de Wittgenstein no próprio atomismo lógico.

Religião de Russell. A visão religiosa de Bertrand Russell evoluiu consideravelmente durante seus 98 anos de vida. Durante os primeiros quatorze anos da sua vida foi teísta (v. TEÍSMO). Entre os quatorze e os dezoito anos adotou uma posição deísta (v. DEÍSMO). Aos dezoito anos tornou-se a-teísta (i.e., não-teísta). Aos 31, abraçou um tipo de naturalismo estóico fatalista expresso em "Free man's worship". Aos 40, cria num tipo de panteísmo experimental que Friedrich SCHLEIERMACHER (1768-1834) teria aprovado (v. Russell, "The essence of religion"). Mais tarde, tornou-se antiteísta e anticristão militante. Aos 76, descreveu-se como "agnóstico" (v. AGNOSTICISMO) numa entrevista à revista *Look* (1953).

Agnosticismo e anti-religião. Seja qual for o nome dado às peregrinações metafísicas de Russell, ele foi sistematicamente anticristão e anti-religioso, apesar de não se considerar ateu: "Minha posição é agnóstica", disse (Russell, "The existence of God debate", p. 144). Na entrevista à revista *Look*, afirmou: "O agnóstico pensa que é impossível conhecer a verdade sobre assuntos como Deus e a vida futura aos quais o cristianismo e outras religiões estão relacionados". Depois dessa afirmação contundente, ele se protegeu acrescentando: "Ou, se não é impossível, pelo menos é impossível neste momento" ("What is an agnostic?", p. 577).

Russell distinguiu o agnosticismo do ateísmo, declarando: "O ateu, como o cristão, afirma que *pode* saber se há ou não um Deus; o ateu, que pode saber que não há (v. ATEÍSMO). O agnóstico suspende o julgamento, dizendo que não há base suficiente para afirmar ou negar [...] O agnóstico pode afirmar que a existência de Deus, apesar de não ser impossível, é bem improvável" (ibid.).

Da pena de Russell veio um ataque implacável, não só contra o cristianismo, mas contra a religião em geral. Ele escreveu: "Estou tão absolutamente convencido de que religiões são prejudiciais quanto estou convencido de que são falsas" (*Por que não sou cristão*, XI). A razão básica é que estão enraizadas na crença que é gerada pelo medo, que na verdade é ruim. A religião organizada retarda o progresso no mundo. De modo específico, "digo deliberadamente que a religião cristã, organizada nas suas igrejas, foi e continua sendo o principal inimigo do progresso moral no mundo" (ibid., p. 15).

Nenhuma autoridade é aceita. Russell afirmou que rejeitava toda autoridade. O agnóstico, disse ele, afirma que o homem deve refletir sobre a conduta pessoal, ouvindo a sabedoria de outros. "Somente o tolo satisfaz todos os desejos, mas o que controla o desejo é sempre algum outro desejo" ("What is an agnostic?", p. 578).

Ele negou ter "fé apenas na razão", insistindo que há mais que fatos e razão. Via-se guiado por seus propósitos ou fins claramente pensados. "O agnóstico encontrará seus fins no próprio coração e não numa ordem" (ibid., p. 583). Por exemplo, a razão pode dizer como chegar a Nova York, mas apenas o indivíduo pode pensar numa razão (propósito) para ir até lá.

O pecado não é uma idéia útil, apesar de alguns tipos de conduta serem desejáveis e outros, indesejáveis (ibid., p. 578). Mas logo acrescenta que o castigo da conduta indesejável deve ser apenas restritivo ou reformatório, não penal.

Problemas com o cristianismo. A Bíblia é rejeitada com todas as outras autoridades. Russell a considerava tão lendária quanto as histórias de Homero. Alguns seus ensinamentos morais são bons, mas grande parte dela é muito ruim (ibid., p. 579).

Russell duvidava que Cristo tivesse existido. "Historicamente", afirmou: "é pouco provável que Cristo tenha sequer existido, e se existiu não sabemos nada a seu respeito" (*Por que não sou cristão*, p. 11).

No entanto, ele afirma:

> A maioria dos agnósticos [que não o inclui necessariamente] admira a vida e os ensinamentos morais de Jesus contados nos evangelhos [que ele não aceita], mas não necessariamente mais do que os de outros homens. Alguns [exceto Russell] o colocam no mesmo nível de Buda [...] Sócrates, e alguns, de Abraham Lincoln" (*What is an agnostic?* p. 579).

Ao contrário de muitos incrédulos, Russell declarou: "Não creio que Jesus tenha sido o melhor e mais sábio dos homens" (*Can religion cure our troubles?*, p. 2). A avaliação de Russell do Jesus da Bíblia era que ele foi insensato, impiedoso, desumano e cruel (v. a seguir). Apresentou Sócrates de forma mais favorável. Escreveu:

> Há um defeito muito sério para minha mente no caráter moral de Cristo, e é que ele acreditava no inferno. Não acredito que qualquer pessoa que seja real e profundamente bondosa possa acreditar em castigo eterno" (*Por que não sou cristão*, p. 12).

Imortalidade não existe. Russell não acreditava na imortalidade, nem em céu e inferno. Ao falar sobre os agnósticos em geral, disse: "O agnóstico não acredita na imortalidade a não ser que pense que há evidência dela". Sobre si mesmo, Russell acrescenta: "Não acredito que haja uma boa razão para acreditar que sobrevivamos à morte" (*What is an agnostic?*, p. 580). Pois "é racional supor que a vida mental cessa quando a vida corporal cessa" (*What I believe*, p. 40). Acrescenta: "Acredito que quando morrer apodrecerei, e nada do meu ego sobreviverá" (*Por que não sou cristão*, p. 43).

Apesar de incerto quanto à imortalidade em geral, tinha certeza absoluta de que o inferno não existia. Pois:

> A crença no inferno está ligada à crença de que o castigo vingativo do pecado é algo bom [...] É possível que algum dia haja evidência da existência dele [do céu] por meio do espiritualismo, mas a maioria dos agnósticos não acredita que tal evidência exista e, portanto, não acredita no céu (What is an agnostic, p. 580-1).

À pergunta se teme o julgamento de Deus, Russell respondeu:

> Lógico que não. Também nego Zeus e Júpiter e Odin e Brahma, mas estes não causam medo [...] Se Deus existisse, acho pouco provável que tivesse uma vaidade tão instável a ponto de se ofender com os que duvidam de sua existência" (ibid., p. 581).

Negação naturalista de MILAGRES. Quanto ao sobrenatural, Russell afirmou: "Agnósticos não acreditam que haja evidência de 'milagres' no sentido de acontecimentos contrários à lei natural". Na verdade, "é possível descartar milagres, já que a Providência decretou que a operação das leis naturais produzirá os melhores resultados possíveis" (*Por que não sou cristão*, p. 42). Ele admite que há eventos anormais, mas não são milagrosos. "Sabemos que a cura pela fé ocorre e não é de forma alguma milagrosa." Via tanta evidência milagrosa dos deuses gregos em Homero quanto do Deus cristão na Bíblia" (*What is an agnostic?*, p. 581).

Usando o mesmo raciocínio, considerava o nascimento virginal vestígio da mitologia pagã (v. MITRAÍSMO; MITOLOGIA E O NOVO TESTAMENTO). Apontava para a história do NASCIMENTO VIRGINAL ligada a Zoroastro e para o fato de que Ishtar, a deusa babilônica, é chamada "a santa virgem" (ibid., p. 579).

Russell também rejeitou a idéia do propósito para a vida. "Não creio que a vida em geral tenha qualquer propósito. Apenas aconteceu. Mas os seres humanos individuais têm propósitos, e não há nada no agnosticismo que as leve a abandoná-los" (ibid., p. 582).

O budismo primitivo é a melhor religião. Quando perguntaram que religião mais respeitava, Russell

respondeu que preferia o budismo, "principalmente em suas formas primitivas, porque tinha o menor elemento de perseguição". Admirava o confucionismo e os cristãos liberais que reduziram ao máximo os dogmas. Mas, se realmente existe um Deus por trás de alguma religião, ele disse que a única evidência que aceitaria seria uma voz do céu prevendo exatamente o que aconteceria nas próximas vinte e quatro horas. No entanto, mesmo isso só o convenceria de uma inteligência super-humana. Na verdade, ele não conseguia imaginar uma evidência que o convencesse da existência de um Deus (ibid., p. 583-4).

Avaliação. Tal antagonismo até contra a possibilidade da prova da existência de Deus põe em dúvida a definição de agnosticismo de Russell. Sua atitude difere pouco da atitude da maioria dos ateus que afirmam saber (com base "muito provável") que Deus não existe. Qual é a diferença? Poucos ateus afirmam ter certeza absoluta de que Deus não existe (v. DEUS, SUPOSTAS REFUTAÇÕES DE). Em certo ponto de sua entrevista à revista Look, Russell admite que, por propósitos práticos, "concordava com os ateus" (ibid., p. 577). Tal relutância em admitir o ateísmo lembra o gracejo de Karl MARX de que "um agnóstico não é nada além de um ateu medroso".

Agnosticismo contraditório. Se Russell era um "agnóstico", era bem radical, afirmando ser "impossível" saber se Deus existe. Isso se resume à afirmação: "Sei com certeza sobre a existência de Deus que você não pode saber nada com certeza sobre a existência de Deus". Acrescenta a admoestação "neste momento" não alivia o problema. A afirmação ainda é contraditória "neste momento".

A avaliação da religião feita por Russell é superficial e falha. Sua afirmação de que todas as religiões são baseadas no medo é um "erro sociológico". Isto é, usa declarações descritivas como se fossem prescritivas. O medo é o fator que leva alguns à religião, mas é insuficiente para produzir a fé genuína ou duradoura. Russell parecia ter um medo patológico do medo. Nem todo medo é ruim. Há o medo saudável que adverte a pessoa de perigo ou conseqüências negativas. O medo de ser reprovado num exame pode ser motivação útil para estudar. O medo de ser atropelado pode fazer a pessoa tomar mais cuidado para atravessar a rua. Além disso, razões psicológicas não explicam a origem da fé. Apenas mostram *por que* as pessoas crêem, mas não explicam em *que* elas crêem (v. Woods, p. 23). Finalmente, a origem não determina o valor da coisa. A maioria das pessoas tem medo do fogo, mas isso não diz nada sobre o valor do fogo.

A necessidade de Deus. Apesar de Russell não acreditar, a necessidade de Deus é ocasionalmente implícita. Num de seus momentos mais sinceros, escreveu:

> Mesmo quando a pessoa se sente mais próxima de outras pessoas, *algo nela parece pertencer obstinadamente a Deus e recusar-se a entrar em qualquer comunhão terrena* — pelo menos é assim que eu deveria expressar isso se acreditasse em Deus. É estranho, não é? Eu me importo ardentemente com este mundo e com muitas coisas e pessoas nele, e no entanto [...] o que é? *Deve haver algo mais importante, acredita-se,* apesar de eu não acreditar que haja (*Autobiografia*, p. 125-6, grifo do autor).

Autoridade da razão. Russell afirmou rejeitar toda autoridade, mas reconheceu a autoridade final da razão humana. Negou ter "fé apenas na razão", unicamente no sentido em que os propósitos humanos ajudam a determinar suas ações. Mas não se tem fé em propósitos, mas numa fonte ou teste da verdade. A razão basta aqui. Logo, é justo dizer que Russell rejeita qualquer autoridade exceto a da razão humana (v. RACIONALISMO). É claro que "a razão lida com questões práticas, algumas observadas, outras inferidas" (*What is an agnostic*?, p. 583). Portanto, Russell realmente tinha uma autoridade final.

Como outros agnósticos e ateus, Russell tinha uma visão incoerente do pecado. Negava sua validade, reduzindo tudo ao "desejável" e "indesejável". Mas, com relação a questões de liberdade de expressão e estilo de vida, expressava convicções morais inabaláveis. Russell parece não duvidar de que a crença no inferno era real e verdadeiramente "cruel", "impiedosa" e "desumana". Essas são posições morais absolutistas. Se a moralidade é apenas o "desejável" ou "indesejável", não há base moral real para dizer que algo é cruel ou errado. Para ser coerente, ele deveria ter dito apenas que o conceito do inferno era contrário aos seus desejos. Não teria base moral para fazer qualquer julgamento de valor (v. MORALIDADE, NATUREZA ABSOLUTA DA).

Além disso, há uma ambivalência básica na visão que Russell tinha da humanidade. R. E. D. Clark observou que Russell baseava seu código de moralidade na bondade humana essencial, mas em outra ocasião argumentou que um Deus bom jamais teria criado um bípede tão revoltante.

Autoridade e cristianismo. A antipatia de Russell por tudo o que está relacionado ao cristianismo aumenta drasticamente quando aborda qualquer coisa que lembre autoridade ou uma afirmação sobre sua vida e liberdade. Ele gosta de alguns dos